

**Que destino o arcanjo Miguel deu ao
“corpo de Moisés”?**

Compreendendo Judas 9

Paulo Sérgio de Araújo

Caieiras, 3 de setembro de 2019

www.imortalidadedaalma.com

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Judas 9 lido por um leigo de bom senso.....	8
A Bíblia interpreta a si mesma : Os <i>pontos em comum</i> que vinculam o conteúdo de Judas 9 ao de Deuteronômio 34.5, 6.....	15
1. Judas 9 deve ser interpretado à luz, <i>apenas</i> , de Deuteronômio 34.5, 6.....	16
2. Não existem pontos em comum que vinculem o conteúdo de Judas 9 ao do relato da transfiguração de Jesus.....	22
3. O arcanjo Miguel queria <i>sepultar</i> o "corpo de Moisés".....	29
Por que Deus impediu os israelitas de terem acesso ao "corpo de Moisés"?.....	33
Se Moisés ressuscitou, então por que <i>ninguém testemunhou</i> esse milagre? "Quem mata a cobra, tem que mostrar o pau!".....	50
Cronologicamente falando, Jesus foi o <i>primeiro</i> homem a ressuscitar num corpo glorificado, para nunca mais morrer.....	54
O "corpo de Moisés" viu, sim, a corrupção!.....	60
A ignorância que leva a prantear por um "defunto vivo".....	67
Deus mandou o arcanjo Miguel sepultar o "corpo de Moisés".....	69
Conclusão.....	70

Que destino o arcanjo Miguel deu ao “corpo de Moisés”?

Compreendendo Judas 9

por

Paulo Sérgio de Araújo

INTRODUÇÃO

No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás (Gn 3.19, ARA, 1993).¹

Desde o dia em que Adão e Eva pecaram contra o seu Criador, essa terrível sentença vem sendo executada, inexoravelmente, na vida de todos os seus

¹ Todos os textos bíblicos mencionados neste estudo foram extraídos da tradução *Almeida Revista e Atualizada* de 1993, da Sociedade Bíblica do Brasil.

descendentes. Tão logo a alma separa-se do corpo, este imediatamente fica sujeito aos processos naturais de decomposição da matéria desorganizada, devendo ser retirado, o mais rápido possível, do ambiente dos vivos. O destino do corpo humano, como o bom senso e o senso comum já o têm demonstrado desde o dia em que o sangue do justo Abel foi derramado, é apenas um, a sepultura, local em que retornará aos elementos básicos (pó da terra) dos quais um dia foi formado.

À luz desse conhecimento e destino comuns à toda a raça humana, propusemo-nos a analisar, neste estudo, a partir do versículo abaixo, a questão do destino que o arcanjo Miguel teria dado ao “corpo de Moisés”:

Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda (Judas 9).

Porém, ao ler esse texto bíblico, talvez algum leitor pergunte a si mesmo: “Ora, qual o sentido em fazer um estudo para descobrir o *destino* que foi dado a um *cadáver*? É óbvio que ele foi para a *sepultura*! Nem é preciso ser estudioso para saber disso!” Essa conclusão, fruto do bom senso e da intuição, em conformidade com o senso comum, já seria mais que suficiente para tornar sem sentido qualquer estudo como este. Contudo, infelizmente nem todos possuem essa naturalidade para chegar a conclusão tão óbvia e sensata, razão pela qual um estudo tão longo como este fez-se necessário.

A fim de tentar defender sua antropologia materialista e antibíblica, segundo a qual o ser humano não possuiria uma alma (ou espírito) imortal em sua constituição, que sobreviveria conscientemente à morte do corpo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) ensina que essa contenda mencionada em Judas 9 teria surgido porque o arcanjo Miguel pretendia ressuscitar o “corpo de Moisés”, porém o diabo tentou impedi-lo de realizar tal milagre. Conforme Ellen Gould White (EGW)

— a profetisa-fundadora da IASD, tida como a autoridade máxima em questões de interpretação bíblica e espiritualidade — Miguel, que seria Cristo, após o término daquele confronto, teria trazido Moisés de volta à vida pouco tempo depois de sua morte e sepultamento, antes mesmo que seu corpo tivesse visto a corrupção. Essa ressurreição teria sido diferente das demais registradas na Bíblia, pois Moisés teria ressurgido num corpo glorificado e imortal, em posse do qual teria ascendido ao Céu, local em que atualmente habitaria.

Mas Aquele "que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos" (Efés. 3:20), assim atendera à súplica de Seu servo. Moisés passou sob o domínio da morte, mas não devia permanecer na sepultura. *O próprio Cristo o chamou à vida. Satanás, o tentador, reclamara o corpo de Moisés por causa de seu pecado; mas Cristo, o Salvador o tirara da tumba.* Jud. 9.² (os itálicos são nossos)

Moisés passou pela morte, mas Cristo desceu e lhe deu vida antes que seu corpo visse a corrupção. Satanás procurou reter o corpo, pretendendo-o como seu; mas Miguel ressuscitou Moisés e levou-o ao Céu. Satanás maldisse amargamente a Deus, acusando-O de injusto por permitir que sua presa lhe fosse tirada; Cristo, porém, não repreendeu a Seu adversário, embora fosse por sua tentação que o servo de Deus houvesse caído. Mansamente remeteu-o a Seu Pai, dizendo: "O Senhor te repreenda." Jud. 1:9.³ (os destaques são nossos)

Miguel, ou Cristo, com os anjos que sepultaram Moisés, desceram do Céu, depois de ter ele permanecido na sepultura um breve tempo, ressuscitaram-no e o levaram para o Céu. Quando Cristo e os anjos se aproximaram da sepultura, Satanás e seus anjos surgiram junto dela e ficaram a guardar o corpo de Moisés, para que não fosse removido. Quando Cristo e Seus anjos chegaram perto, Satanás resistiu a sua aproximação, mas foi compelido, pela glória e poder de Cristo e Seu anjos, a voltar atrás. Satanás reclamou o corpo de Moisés, por causa de

² WHITE, Ellen Gould. *O Desejado de Todas as Nações*, p. 421. Disponível em: <<http://www.ellenwhitebooks.com/>>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

³*Primeiros Escritos*, p. 164. Disponível em: <<http://www.ellenwhitebooks.com/>>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

sua única transgressão; porém Cristo o remeteu mansamente a Seu Pai, dizendo: "O Senhor te repreenda." Jud. 9... *Então Cristo ressuscitou o corpo de Moisés, que Satanás estivera requerendo. Por ocasião da transfiguração de Cristo, Moisés e Elias, que tinham sido trasladados, foram enviados para conversar com Cristo quanto a Seus sofrimentos, e para serem os portadores da glória de Deus a Seu amado Filho.*⁴ (os destaques são nossos)

Não houvesse a vida de Moisés sido maculada por aquele único pecado, deixando de dar a Deus a glória de tirar água da rocha, em Cades, e teria entrado na Terra Prometida, e seria trasladado para o Céu sem ver a morte. *Mas não ficou muito tempo no túmulo. O próprio Cristo, com os anjos que sepultaram a Moisés, desceu do Céu para chamar o santo que dormia. [...]* Em consequência do pecado, Moisés viera sob o poder de Satanás. Em seus próprios méritos era o legítimo cativo da morte; *mas foi ressurgido para a vida imortal, mantendo este título em nome do Redentor. Moisés saiu do túmulo glorificado, e ascendeu com seu Libertador à cidade de Deus.*⁵ (os destaques são nossos)

De acordo com EGW, cerca de mil e quatrocentos anos após ter vencido a morte, Moisés, em seu corpo glorificado (e não como um espírito), teria retornado a este mundo por alguns instantes para falar com o mesmo Miguel que o ressuscitara séculos antes, no célebre incidente em que esse arcanjo, agora encarnado, teria se transfigurado na presença de seus discípulos (Mt 17.1-9; Mc 9.1-9; Lc 9.28-36).

Diante desse entendimento, ficamos a imaginar como que EGW conseguiu ler Judas 9 e, ao final, concluir que Miguel tenha dado semelhante destino ao cadáver de Moisés. Afinal, *onde está escrito*, nesse texto, que ele, ao término daquela contenda com o diabo, *ressuscitou* o "corpo de Moisés"? Em lugar algum. A

⁴ *História da Redenção*, pgs. 173, 174. Disponível em: <<http://www.ellenwhitebooks.com/>>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

⁵ *Patriarcas e Profetas*, pgs. 478/479. Disponível em: <<http://www.ellenwhitebooks.com/>>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

palavra “ressurreição” (ou outra equivalente) sequer consta em Judas 9. Todavia, EGW, em decorrência apenas de seus pressupostos teológicos com relação à natureza e o destino humanos, não viu problema algum em *ir além* do que está escrito no texto e acrescentar nele o conceito de “ressurreição”. Para ela, tal conceito é um *préssuposto obrigatório* para Judas 9, a tal ponto de seus seguidores afirmarem ser absurdo os não adventistas não conseguirem “enxergar” esse ensinamento “tão claro, explícito” nesse versículo: “Que sentido haveria em Miguel contender com o diabo por um *mero* cadáver, a não ser se fosse para ressuscitá-lo? Só não vê isso *quem não quer!*”, argumentam. Expresso noutras palavras, e com perdoável redundância: “Por que Miguel entraria numa contenda somente para, ao final dela, fazer com que o *cadáver* de Moisés continuasse *morto?*”⁶ Conforme esse raciocínio falacioso, uma vez que o “corpo de Moisés” foi disputado por dois seres *espirituais* (e não por dois seres humanos), então o motivo de tal contenda só poderia ter sido apenas um: a ressurreição daquele “corpo”. Na mente dos adventistas, é totalmente inconcebível, até mesmo “ridículo”, acreditar que aquela controvérsia tenha sido por qualquer outro motivo, como, por exemplo, o *sepultamento* do “corpo de Moisés”:

Não devemos imaginar que em Judas 1:9 Miguel e Satanás disputaram simplesmente “um corpo morto”. Li certa vez um comentário que alegou ter ocorrido uma disputa entre Miguel e Satanás “sobre o direito de enterrar o corpo de Moisés” ou de “ficar com ele”. Isso é ridículo, considerando que **Deus já havia sepultado o profeta**, segundo **Deuteronômio 34:6**. Dizer que Miguel e Satanás ficaram “batendo boca” por causa de um cadáver é **desconsiderar a seriedade do conflito cósmico** que envolveu uma batalha real entre Cristo e Seus anjos, e Satanás e os anjos dele, como lemos em Apocalipse 12:7-9. É obvio que a disputa **envolvia algo de muito mais importância e seriedade** do que simplesmente a posse de um “cadáver”. O

⁶ Se a IASD seguisse o mesmo caminho que as Testemunhas de Jeová e lançasse a sua *própria* tradução da Bíblia, certamente acrescentariam a palavra “ressurreição” ao texto de Judas 9, nem que fosse entre colchetes: “Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito [da ressurreição] do corpo de Moisés...”

impasse ocorrido entre Miguel e Satanás foi a respeito da **legalidade** da ressurreição de Moisés.⁷ (as partes em negrito não são nossas)

Todavia, concluir que aquele conflito surgiu porque o arcanjo Miguel pretendia ressuscitar o cadáver de Moisés não passa de uma tentativa de injetar uma ideia particular e preconcebida ao texto de Judas 9, de modo a privilegiar uma determinada posição teológica: “Só vê que Miguel ressuscitou o corpo de Moisés *quem quer ver* isso no texto de Judas 9”. Tal leitura é destituída não apenas de bom senso, mas, também, de uma metodologia interpretativa rigorosa, objetiva e coerente, como provaremos. Sendo assim, se quisermos projetar alguma luz interpretativa sobre essa passagem, então teremos que abordá-la doutra maneira. É o que nos propomos a realizar aqui, neste estudo.

Este estudo, portanto, constitui-se numa crítica à leitura que EGW e outras pessoas (que não pertencem a esse grupo religioso sectário) fizeram da passagem de Judas 9. Em nossa opinião, a profetisa da IASD apenas e tão somente *usou* (e não interpretou), de maneira totalmente utilitarista, tendenciosa e suspeita, esse versículo para tentar *explicar* a aparição do *falecido* Moisés no incidente da transfiguração de Jesus, pois tal aparição constitui-se num grande empecilho para um dos dogmas fundamentais do movimento adventista, a saber: a doutrina de que os mortos encontram-se inconscientes, inativos. Conforme nosso entendimento, o texto de Judas 9 (bem como o restante da Bíblia) não faz qualquer menção a essa suposta ressurreição de Moisés. O que podemos afirmar, isso sim, fundamentados unicamente na Palavra de Deus, é que o cadáver dele foi depositado numa sepultura de localização completamente desconhecida (Dt 34.5, 6), para ali decompor-se integralmente e aguardar o dia da ressurreição. Ou seja, o fim que o arcanjo Miguel

⁷ QUADROS, Leandro. Porque você deve crer na ressurreição de Moisés : *Evidências bíblicas e extrabíblicas de que Moisés e Elias apareceram em corpo no Monte da Transfiguração*, pgs. 10, 11. Disponível em: http://cursosdabiblia.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Ebook_Moises_finalizado.pdf. Acesso em: 25 de junho de 2019.

deu ao “corpo de Moisés” foi o mesmo dispensado ao de qualquer ser humano, em conformidade com a sentença divina pronunciada no Éden (Gn 3.19).

Judas 9 lido por um leigo de bom senso

Decidimos começar este estudo privilegiando o público leigo. Nossa proposta, neste tópico específico, é deixar de lado todo o nosso, digamos, “teologuês”, tudo aquilo que aprendemos no ambiente acadêmico dos seminários teológicos ou nos manuais de Teologia, dicionários, comentários, línguas originais, etc. Tudo isso é fundamental para a nossa compreensão das Escrituras, sem dúvida alguma. Porém, compreender Bíblia não é *só isso*. Em nossa opinião, as influências religiosas, denominacionais, teológicas e emocionais, que fatalmente carregamos, como sombras, quando lemos ou debatemos Judas 9, acabam tirando um pouco, no calor das discussões, o nosso olhar natural e simples desse texto (e de tantos outros), a ponto de, às vezes, não conseguirmos perceber nele alguns detalhes que, doutra maneira, seriam percebidos por um leitor leigo que usasse somente o seu natural bom senso, a sua intuição, guiado pelo senso comum. Muitas vezes, um olhar excessivamente crítico de uma declaração bíblica pode esconder do leitor a sua simplicidade, podendo, inclusive, distorcê-la.

Foi tentando escapar desse perigo que optamos por iniciar este estudo nos dirigindo, sobretudo, aos cristãos leigos, mas, também, a não cristãos que talvez nunca tenham lido ou ouvido um único versículo da Bíblia. Acreditamos que esse público encontra-se “vacinado” contra tais influências acima mencionadas, ou, então, o impacto delas, nele, talvez seja bem menor do que naqueles que já estão mergulhados no ambiente teológico e/ou das discussões bíblicas. Esses leigos são “mais capazes” de ler Judas 9 e perceber, espontaneamente, algumas informações que o apóstolo Judas comunicou aos seus leitores originais quando mencionou aquela contenda entre Miguel e o diabo em torno do destino do “corpo de Moisés”.

A título de ilustração daquilo que pretendemos/esperamos com/desse público leigo, o qual não possui esse *conhecimento* acadêmico-teológico, citaremos uma declaração bastante perspicaz sobre a importância do bom senso para as nossas vidas e, na sequência, algumas definições dessa qualidade. Em certa ocasião, o Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, durante um programa de entrevistas na TV, ao falar sobre as qualidades que se esperam de um magistrado, disse a um jornalista: “O que se exige de um juiz é que ele tenha *bom senso*, humanismo, sensibilidade...” “E o *conhecimento* jurídico?”, pergunta-lhe outro jornalista, interrompendo-o. “Se conhecer um pouco, *ajuda muito!*” Nessa sábia resposta, o representante da Corte Paulista quis dizer que não basta ao juiz simplesmente *conhecer* as leis que regem a sociedade; antes, é necessário que ele possua, dentre outras virtudes, “bom senso” para poder *aplicá-las* aos incontáveis, distintos e muitas vezes surpreendentes casos concretos que surgem nas relações sociais e que se apresentam diante dele (do juiz) para serem apreciados e, por fim, solucionados. Conhecimento jurídico, por si só, não faz um bom juiz; é necessário, também, ter bom senso para poder ministrar, na prática, a justiça e, assim, manter a paz e o equilíbrio sociais.

Vejamos, a seguir, duas definições do que seria “bom senso”:

a) faculdade natural de julgar (algo, alguém) de maneira correta e equilibrada; b) capacidade ou aptidão de distinguir o certo do errado, o bem do mal, o verdadeiro do falso, em questões cotidianas e corriqueiras que não exijam grandes reflexões ou soluções científicas ou técnicas, resolvendo assim problemas conforme o senso comum (*Dicionário Michaelis*).

De maneira análoga:

1 **Filos.** Em questões correntes e habituais, aptidão intuitiva de discernir o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, o bom e o mau etc. 2 **Uso** adequado do raciocínio e da razão na avaliação de situações e tomada de decisões. 3

Capacidade de avaliar e de resolver problemas e situações de acordo com o senso comum (*Dicionário Aulete*).

Conforme a primeira definição, “bom senso” é uma “*faculdade natural* de julgar (algo, alguém) de maneira correta e equilibrada”. Embora aquilo que seja bom senso possa variar de acordo com a cultura, a época, a faixa etária, etc., tal virtude é uma característica da raça humana, dos seres pensantes, podendo ser encontrada, portanto, em todas as pessoas, não importa a época, a cultura, a raça, a língua, o lugar, etc.⁸ Ter o mínimo de bom senso é tão natural quanto respirar, comer, etc. O bom senso se reveste de importância não somente na área da Magistratura, mas em absolutamente todos os domínios de nossas vidas, de modo que nem mesmo a nossa leitura da Bíblia escapa dessa “regra divina”. Dependendo do contexto, uma leitura bíblica com o mínimo de bom senso, de razoabilidade talvez seja até mais importante do que receber uma educação teológica formal, ou conhecer as línguas originais, ou acercar-se de uma enorme biblioteca com os melhores dicionários e comentários, etc.

Partindo dessa rápida conceituação do que é “bom senso” e de sua importância nas questões mais essenciais, elementares do nosso dia-a-dia, vamos à análise do texto de Judas 9. A nossa proposta é que o leitor, usando apenas o seu bom senso e a sua intuição⁹, de acordo com o senso comum¹⁰, leia, primeiro, a

⁸ Evidentemente, a capacidade de julgar com bom senso poderá ser comprometida, no todo ou em parte, se o indivíduo possuir algum problema cognitivo, ou, então, alguma perversão nos campos da moral/ética.

⁹ “1 Conhecimento que, por sua imediatez e clareza, não é precedido de elaboração e lógica... 2 FILOS. Conhecimento direto e espontâneo de uma verdade de qualquer natureza, que serve de base para o raciocínio discursivo e remete não apenas às coisas, mas também à relações que entre elas se dão. 3 PSICOL A capacidade de um indivíduo emitir julgamentos exatos e justos sem justificação lógica e sem possibilidades de análise; juízo emitido sem cogitação preliminar” (*Dicionário Michaelis*). “1. Percepção pronta e clara; instinto, sexto sentido... 3. Fil. Forma de conhecimento imediato, independente de qualquer processo de raciocínio” (*Dicionário Aulete*).

¹⁰ “Filos: conjunto de ideias, opiniões e pontos de vista de um grande número de pessoas em um determinado contexto social que se estabelecem e impõem como naturais e necessárias, não admitindo grandes questionamentos nem reflexões; consenso” (*Dicionário Michaelis*). “1 Modo de ver

manchete de uma notícia que recebeu certa atenção da mídia brasileira no final de 2018, e, em seguida, compare-a com o texto de Judas 9, com algumas adaptações, que transcreveremos na sequência.

Caro leitor, imagine que você esteja lendo, despreocupadamente, numa banca de jornais, as manchetes de capa dos jornais. Num dado momento, você se depara com a seguinte manchete:

**Destino do corpo de Mãe Stella de Oxóssi é alvo de disputa
judicial na Bahia¹¹**

Em sua opinião, no momento em que estava ocorrendo aquela disputa judicial na Bahia, aquele corpo *já estava sepultado* ou não? Ora, é claro que não estava sepultado! Não existe ambiguidade alguma nessa manchete: o jornalista foi claro e preciso naquilo que pretendia informar aos leitores. E estes, ao lê-la, concluíram, instantânea e corretamente, que algumas pessoas estavam *disputando* no Judiciário as questões relativas ao “destino” (o que seria feito) do “corpo” daquela religiosa que acabara de falecer, aguardando apenas uma decisão judicial que solucionasse a demanda. Assim que seus olhos visualizaram as primeiras palavras da manchete (“Destino do corpo de...”), o seu cérebro já começou a realizar, imediata e simultaneamente, numa velocidade absurdamente alta, uma série de associações e inferências que fizeram com que você já concluísse, talvez *antes* mesmo de ler o restante da manchete, que aquele “corpo” ainda não havia descido à sepultura. Isso se chama “bom senso” e “intuição”, os quais o habilitaram a concluir,

(conceitos, situações, etc.) e agir de um grupo, sociedade, etc., de acordo com experiência coletiva, costumes, padrões comuns, etc., aceito como natural e por isso tomado *a priori* como válido, sem questionamento” (*Dicionário Aulete*).

¹¹ Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/noticia/destino-do-corpo-de-mae-stella-de-oxossi-e-alvo-de-disputa-judicial-na-bahia#.XQ78aPLKgfI>>. Acesso em: 23 de junho de 2019. Diversos outros sites também trazem manchetes referentes a esse acontecimento, juntamente com a matéria completa acerca da disputa judicial que surgiu em torno do *local* onde seria *sepultado* o corpo da religiosa recém-falecida à época. Essa notícia também foi veiculada em várias emissoras de TV, podendo ser acessada pelo Youtube.

www.imortalidadedaalma.com

instantaneamente, com base no senso comum, sem realizar qualquer reflexão profunda e demorada, que aquele corpo estava por sepultar.

Lendo apenas a manchete desse jornal, nenhum leitor de bom senso seria capaz de concluir que as partes entraram em litígio para decidir se aquele “corpo” deveria ou não ser **desenterrado**. E por quê? Porque palavras como “disputa”, “contenda”, “litígio”, “batalha”, “querela”, “controvérsia” e equivalentes, quando empregadas num contexto em que *se está discutindo o destino* (o que será feito) de um **cadáver**, nos levam a concluir, sensata e instintivamente, que esse cadáver ainda não foi sepultado, enterrado. Se o destino de todos os cadáveres é, como universalmente se acredita, a sepultura, e se o destino de um determinado cadáver está sendo objeto de discussão, então só podemos concluir que esse cadáver ainda não foi sepultado. Qual o sentido em discutir o destino de algo que **já foi** para o seu destino?

Agora, de maneira idêntica ao que acabamos de fazer, suponhamos que você, leitor, veja esta outra “manchete”, que traz:

Destino do corpo de Moisés é alvo de disputa judicial entre o arcanjo Miguel e o diabo¹²

Em sua opinião: “O corpo de Moisés, no momento em que seu destino estava sendo disputado por Miguel e pelo diabo, *já estava sepultado* ou não?” Ora, se o destino do corpo dele estava sendo discutido, aguardando a decisão do Supremo Juiz (o “Senhor”), então só podemos deduzir que ele ainda não havia sido

¹² Embora tratem de pessoas, lugares, épocas e contextos diferentes, a *essência* das notícias veiculadas na manchete do jornal e no texto adaptado de Judas 9 é idêntica. Em ambas, o conteúdo que se quer transmitir aos leitores é: o *destino* de um *cadáver* está sendo *disputado* por (pelo menos) *duas partes*, sendo que essa disputa só será solucionada por *um terceiro*, por alguém que possui poder e autoridade para “bater o martelo” e, assim, encerrar toda e qualquer discussão.

sepultado. Por que haveríamos de dar uma resposta diferente da que demos anteriormente? Portanto, aquela disputa não surgiu porque Miguel queria retirar o “corpo de Moisés” de dentro da sepultura, ressuscitando-o, mas, sim, *colocá-lo lá dentro, sepultá-lo!* É a essa conclusão que uma leitura de Judas 9 feita com bom senso, instintivamente, guiada pelo bom senso, naturalmente desaguará. Somente uma leitura completamente preconcebida (ou seja, baseada nalgum pressuposto, nalgum conhecimento ou juízo de valor antecipado) pode levar alguém a concluir que tanto o corpo daquela religiosa quanto o de Moisés já estavam sepultados *antes* mesmo de o destino deles ter sido decidido pelas respectivas autoridades.

Ao lerem a declaração de Judas 9, os cristãos do primeiro século imediatamente concluíram que o “corpo de Moisés” ainda estava insepulto na ocasião em que Miguel e o diabo discutiam o fim que lhe seria dado. Tal divergência só foi encerrada após o “Senhor” (o Supremo Juiz) ter sido acionado (“O Senhor te repreenda”), liberando, assim, Miguel para realizar aquele sepultamento. Daquela decisão, não caberia recurso algum. O príncipe das trevas foi obrigado a acatá-la, mesmo rangendo os dentes!

Se uma pessoa leiga ler Judas 9 usando apenas o seu bom senso e a sua intuição, conforme o senso comum, sem precisar fazer nenhuma reflexão teológica profunda e complexa, ela produzirá em sua cabeça, espontaneamente, um “filme” mais ou menos assim:

O corpo sem vida de Moisés estendido ao chão ou sobre uma rocha, insepulto, ainda quente, e Miguel e o diabo, próximos a ele, disputando o destino que lhe seria dado. Como não houve acordo entre eles (e jamais poderia haver!), Miguel, por ser inferior ao diabo, precisou recorrer ao Supremo Juiz, o “Senhor”, pois somente Ele tinha (e tem) poder e autoridade para resolver aquela disputa. E assim aconteceu: o Senhor interferiu naquele

conflito, o inimigo do povo de Deus bateu em retirada, e aí Miguel pôde dar sepultamento ao “corpo de Moisés”.

A BÍBLIA INTERPRETA A SI MESMA

Os pontos em comum que vinculam o conteúdo de Judas 9 ao de Deuteronômio 34.5, 6

Após realizarmos essa, digamos, “leitura leiga” de Judas 9, a partir deste tópico analisaremos esse versículo conforme os critérios da exegese bíblica. E se for mesmo verdade que “o bom senso e a sã exegese andam juntos”, então a leitura que fizemos no tópico anterior será confirmada, corroborada por tais critérios. O objetivo central deste tópico é apenas um: procurar algum(ns) **ponto(s) em comum** que vincule(m), ligue(m) o **conteúdo de Judas 9** a outra(s) passagem(ns) bíblica(s) **que trate(m) do mesmo assunto**, de modo que venhamos a descobrir o que Miguel fez com o “corpo de Moisés”.

A fim de encontrarmos esse(s) ponto(s) em comum, apresentaremos, agora, a metodologia exegética que guiará o nosso estudo a partir de agora, a saber: o princípio de que “a Bíblia interpreta a si mesma”. Para explicar, em resumo, o que é esse princípio, vejamos um exemplo. Caso queiramos descobrir a identidade daqueles “espíritos em prisão” de 1Pedro 3.18-20, jamais leremos esse trecho *juntamente* com a passagem que narra, por exemplo, o relato da grande pesca operada por Jesus (Lc 5.1-11). E por que não podemos relacionar esses dois textos? Porque não existe nenhum *ponto em comum*, nenhuma *identidade temática* entre eles, de modo que um possa lançar luzes sobre o outro e, assim, venhamos a descobrir quem são aqueles “espíritos em prisão”. É essencial que os assuntos tratados nesses dois textos possuam alguma correspondência, semelhança, do contrário eles não se atraem, mas se repelem. A Bíblia interpreta a si mesma; porém, para que esse princípio seja utilizado corretamente, devemos *comparar, relacionar* textos bíblicos que tenham um ou mais pontos em comum entre si, ou seja, que falem sobre o *mesmo*

assunto elou incidente. Numa linguagem popular: “Temos que comparar laranjas com laranjas, e não com alhos”. É totalmente inútil apenas dizer que a Bíblia interpreta a si mesma; também é preciso, acima de tudo, *aplicar* esse princípio *corretamente*!

Judas 9 deve ser interpretado à luz, apenas, de Deuteronômio 34.5, 6

Se a Bíblia interpreta a si mesma, então agora vamos aplicar, por meio de algumas perguntas e observações, esse princípio ao texto de Judas 9, e, ao assim fazê-lo, surgirão, naturalmente, alguns pontos em comum que vincularão o conteúdo dele ao único texto que possui um conteúdo que lhe é comum, afim: Deuteronômio 34.5, 6. Essa identificação temática será central para lançar luzes sobre Judas 9 (e vice-versa) e, assim, possamos descobrir o que Miguel fez com o “corpo de Moisés”. Vale ressaltar que, ao aplicarmos esse princípio a Judas 9 e a Deuteronômio 34.5, 6, nossa preocupação será *unicamente* com aquilo que *está escrito* nessas duas passagens, pois não queremos inserir nelas nossos pressupostos teológicos, denominacionais ou particulares. Ao contrário do que fazem os adventistas com o texto de Judas 9 (como veremos no próximo subtópico), não pretendemos, de forma alguma, forçar esse texto, bem como Deuteronômio 34.5, 6, a nos fornecer os pontos em comum que *nós* queremos; antes, porém, nosso objetivo é que *os próprios textos* nos forneçam, espontaneamente, tais informações e, assim, conduzam, orientem nossa interpretação. Nosso imperativo é permitir que a Bíblia fale por si mesma.

1. Ao lermos Judas 9, é ponto pacífico que toda aquela contenda girou em torno de *uma única questão*: o destino (o que seria feito) do “*corpo* de Moisés”.¹³
2. Se aquela disputa foi em torno do que *seria* feito com o *cadáver* de Moisés, então essa informação logo nos remete, por uma questão de atração temática natural,

¹³ “Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava *a respeito do corpo de Moisés...*”(περὶ τοῦ Μωϋσέως σώματος, *peri tou Mōuseōs sōmatos*). A preposição *peri* significa “em torno de”, “acerca de”, “sobre”. Já o artigo definido *του* é um genitivo masculino singular, que transmite a ideia de posse, equivalendo, em linhas gerais, à nossa preposição “de”.

não apenas ao evento da *morte de Moisés*, mas, também, ao que *foi feito (destino) com o cadáver dele*.¹⁴ Desse modo, aplicando o princípio de que a Bíblia interpreta a si mesma, necessariamente surge a pergunta: “Acaso existe algum outro lugar, na Bíblia, em que seja feita menção à *morte de Moisés* e, também, ao que *foi feito com o corpo dele*?” Sim: Deuteronômio 34.5, 6.

Assim, **morreu ali Moisés**, servo do SENHOR, na terra de Moabe, segundo a palavra do SENHOR. **Este o sepultou** num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura (Dt 34.5, 6).

Se investigarmos as Escrituras, do Gênesis ao Apocalipse, descobriremos que *apenas* os textos de Deuteronômio 34.5, 6 e Judas 9 fazem referência à morte de Moisés (quando, onde e como ele morreu) e ao destino (o que foi feito) do corpo dele. Este é, pois, o primeiro **ponto em comum** que descobrimos entre essas duas passagens, as quais, ao tratarem de assuntos comuns, afins, acabam por lançar luzes reciprocamente.

3. Indubitavelmente, aquilo que o arcanjo Miguel queria fazer com o “corpo de Moisés” estava em perfeita sintonia com a *vontade de Deus*. Diante disso, surge a pergunta: “Haveria outra passagem bíblica que mostre qual foi a *vontade do Senhor* em relação ao que deveria ser feito com o ‘corpo de Moisés’?” Sim: Deuteronômio 34.5, 6. Conforme esse texto, a vontade do Senhor era que o “corpo de Moisés” fosse: (1) sepultado num local oculto aos israelitas, e que (2) nenhum ser humano realizasse aquele sepultamento — um *ser espiritual* é quem faria isso. Eis aí o segundo **ponto em comum** que encontramos entre os conteúdos de Judas 9 e o de Deuteronômio 34.5, 6: esses dois textos mostram a vontade divina em relação ao destino a ser dado ao cadáver de Moisés.

¹⁴ O “*corpo de fulano*” só pode nos remeter, natural e dedutivamente, ao evento da “*morte de fulano*”, e não à sua ressurreição! Não existe conexão lógica e natural alguma entre o “*corpo de Moisés*” e o relato da transfiguração, como fazem os ASD. Associar Judas 9 a esse incidente é uma conduta não apenas forçada, artificial e tendenciosa, mas um verdadeiro contrassenso.

4. Obviamente, a *vontade do diabo* em relação ao destino que deveria ser dado ao “corpo de Moisés” era completamente contrária à vontade de Deus, o que explica o surgimento daquele conflito de interesses entre ele e Miguel. E, ao iniciar aquela controvérsia, o diabo pretendia usar aquele corpo *para prejudicar alguém*. Por razões óbvias, não poderia ser o *falecido* Moisés. Logo, Satanás almejava prejudicar os vivos, que, no caso, só poderia ser o povo de Deus, os israelitas (pgs. 33-49). Diante disso, surge a pergunta: “Existiria algum texto bíblico mostrando que o ‘corpo de Moisés’ poderia prejudicar os israelitas?” Sim: Deuteronômio 34.5, 6. Ao serem impedidos por Deus de terem qualquer contato com o cadáver de Moisés, só podemos deduzir que tal contato, caso se configurasse, prejudicaria os israelitas. Este é o terceiro **ponto em comum** entre Judas 9 e Deuteronômio 34.5, 6, o qual revela a correlação temática dessas duas passagens. Merece especial destaque o fato de *a própria* EGW ter declarado, com base no texto de Deuteronômio 34.5, 6, que os israelitas, caso tivessem sepultado o cadáver de Moisés, teriam pecado contra Deus ao idolatrá-lo: “Os israelitas jamais encontraram o lugar onde [Moisés] foi sepultado. Seu enterro foi secreto *para evitar que o povo pecasse contra o Senhor idolatrando o seu corpo*” (*História da Redenção*, pg. 173. Destaques são nossos). Ao fazer tal declaração, EGW acabou reconhecendo (sem ter consciência disso) que Deuteronômio 34.5, 6 encontra sua natural, necessária e perfeita correspondência temática em Judas 9 (mas de forma alguma no relato da transfiguração). E por quê? Basta perguntarmos: “Qual era o *maior interessado* em fazer com que os israelitas pecassem contra Deus ao idolatrem o cadáver de Moisés?” Resposta: o diabo, sem dúvida alguma! Logo, ele certamente faria de tudo para **impedir** que algum **ser espiritual** (Miguel) realizasse aquele **sepultamento** num lugar desconhecido, pois sua intenção era que os israelitas fizessem tal serviço e, assim, passassem a cultuar o cadáver de Moisés. Em relação aos israelitas,

Satanás apenas queria “juntar a fome com a vontade de comer”: se eles sempre tiveram o voraz apetite de “consumir” (adorar) outros deuses, então ele quis realizar, satisfazer esse desejo, entregando-lhes, “de mão beijada”, o “corpo de Moisés” como um maravilhoso “banquete”. Entretanto, como Deus enviou Miguel para realizar aquele sepultamento, aí então o diabo — percebendo que seu apetitoso porém venenoso “prato” não seria mais servido aos famintos, cegos e tolos israelitas — tentou obstruir a missão desse arcanjo, o que originou aquela contenda entre eles. Ou seja, o que estamos dizendo é que o **vínculo** entre **(a)** a disputa de Miguel com o diabo pelo “corpo de Moisés” (Jd 9) e **(b)** o sepultamento do corpo dele num local ignorado pelos israelitas (Dt 34.5, 6) é nítido, comprovando, assim, que esses dois textos são interdependentes, complementares!

5. Quando lemos cuidadosamente Judas 9 e Deuteronômio 34.5, 6, percebemos que eles mencionam dois **acontecimentos inéditos** em torno do destino dado ao “corpo de Moisés”. (1) Em Judas 9 é mencionada a **única contenda** já ocorrida, **entre dois seres espirituais**, para decidir o que **seria feito (destino) com um corpo: o “corpo de Moisés”**. (2) E em Deuteronômio 34.6 temos o **único corpo**, em toda a história da humanidade, que **foi sepultado por um ser espiritual: o “corpo de Moisés”**. O leitor não acha sugestivo este quarto **ponto em comum**, que trata desses dois ineditismos em torno do destino do “corpo de Moisés”? Observe a **ordem natural** dos acontecimentos: **primeiro** houve uma contenda para *decidir* o que *seria* feito (destino) com o “corpo de Moisés”; e **depois** temos o desfecho, o resultado, aquilo que foi decidido ao final daquela contenda, mostrando o que *foi* feito com aquele “corpo”: ele foi sepultado num local desconhecido, de modo que os israelitas não fossem prejudicados, dando cumprimento à ordem do “Senhor”.

Essas observações e perguntas que fizemos, as quais giraram, todas, em torno da *morte de Moisés* e do *destino do corpo dele*, nos revelaram os **pontos em comum** que vinculam o conteúdo de Judas 9 ao de Deuteronômio 34.5, 6. Por conta dessa correspondência de assuntos, de temas, só podemos concluir que esses dois textos devem ser interpretados, obrigatoriamente, em conjunto.

Para esclarecer, ainda mais, o que são esses pontos em comum que vinculam o conteúdo dessas duas passagens, tornando-as dependentes em sua compreensão/interpretação, lancemos mão de duas ilustrações. Se os textos de Judas 9 e Deuteronômio 34.5, 6 representassem, respectivamente, um **réu** e a **cena de um crime** a ele atribuído, seguramente esse réu seria condenado por qualquer juiz. E por quê? Porque restou comprovado, no curso das investigações policiais, que os *pontos em comum* entre o réu (características físicas e impressões digitais) e a cena do crime (impressões digitais colhidas no local, imagens de câmeras e depoimentos de testemunhas) os unem, os conectam, comprovando ter sido ele, sem dúvida alguma, o autor do crime. Não somente as impressões digitais dele foram encontradas no local do crime, mas também imagens de câmeras de segurança e testemunhas foram unânimes em reconhecê-lo, identificá-lo como o autor do delito. Portanto, ao receber e analisar essas provas, essas evidências (pontos em comum) que vinculam, ligam o réu à cena do crime, o juiz imediatamente se convenceria de sua culpabilidade e o condenaria. O mesmo ocorre com Judas 9 e Deuteronômio 34.5, 6: os pontos em comum, as semelhanças dos assuntos tratados nesses dois textos colocam Miguel e o diabo, juntos, nos mesmos local, dia e horário em que Moisés morreu!

Outra ilustração para explicar essa comunhão temática entre Judas 9 e Deuteronômio 34.5, 6 é a dos **testes de DNA**. Num processo de investigação de paternidade, por exemplo, assim que o material genético (sangue, cabelo, saliva, etc.) do suposto pai e da criança é colhido, os peritos passam então a realizar o mapeamento genético de ambos a fim de encontrar alguma identidade, semelhança

www.imortalidadedaalma.com

(pontos em comum) entre os genes deles que possa determinar se aquela criança é filha daquele homem. Se houver traços em comum, então a relação de parentesco é confirmada: aquela criança é, seguramente, filha daquele homem. Semelhantemente, ao realizarmos o “mapeamento *exegético*” do “material textual” de Judas 9 e Deuteronômio 34.5, 6, comparando-os em seguida, concluímos que os “genes” deles são, com cem por cento de certeza, idênticos. Judas 9 é, digamos, o “pai” de Deuteronômio 34.5, 6, pois a análise realizada desses dois textos comprovaram a sua “relação de parentesco”, a sua “consanguinidade”. Portanto, considerando que a Bíblia interpreta a si mesma, então concluímos que o único texto que pode lançar luzes sobre Judas 9 é Deuteronômio 34.5, 6 (e vice-versa). Por causa de seus elementos em comum, de suas alusões recíprocas, essas duas passagens são as duas faces da mesma moeda. Se quisermos compreender Judas 9, então teremos que ler, apenas, o texto de Deuteronômio 34.5, 6 (e vice-versa).

Façamos, agora, um resumo da maneira como estamos aplicando o princípio metodológico-exegético de que “a Bíblia interpreta a si mesma”. Ao começarmos lendo somente o texto de Judas 9, propusemo-nos a saber o destino que o arcanjo Miguel deu ao “corpo de Moisés”. Portanto, movidos unicamente pela intenção de aplicar nesse versículo, de maneira rigorosa, objetiva, fria e coerente, um princípio de interpretação textual, partimos à procura (por meio das perguntas e observações que fizemos) de algum(ns) ponto(s) em comum que vinculasse(m) o conteúdo de Judas 9 a outra(s) passagem(ns) bíblica(s) que tratasse(m) do mesmo assunto e, assim, pudesse(m) iluminar esse versículo. Em resposta, fomos conduzidos, naturalmente, apenas ao texto de Deuteronômio 34.5, 6. Ao aplicarmos esse princípio interpretativo, em momento algum fomos guiados ou influenciados por qualquer desejo ou intenção de defender ou refutar, *a priori, antecipadamente*, esta ou aquela doutrina/interpretação. Nossa análise fixou-se unicamente naquilo que está escrito em Judas 9 e Deuteronômio 34.5, 6. E, ao aplicarmos esse princípio de

interpretação, esses dois textos nos revelaram, espontaneamente, serem as duas faces da mesma moeda, razão pela qual eles devem ser necessariamente interpretados em conjunto. O “DNA” de Judas 9 é totalmente compatível com o de Deuteronômio 34.5, 6.

Não existem pontos em comum que vinculem o conteúdo de Judas 9 ao do relato da transfiguração de Jesus

Embora os adventistas também acreditem, como nós, que a Bíblia interpreta a si mesma, eles “estranhamente” interpretam Judas 9 à luz do incidente da transfiguração de Jesus, seguindo um caminho completamente diverso do nosso. Por quê? Afinal, em que o relato da transfiguração pode iluminar Judas 9, no sentido de revelar o que Miguel e o diabo pretendiam fazer com o “corpo de Moisés”? Existe algum *ponto em comum*, alguma identidade temática entre Judas 9 e esse relato? Acaso o “DNA” deles é igual? Esse incidente narrado nos evangelhos chega a fazer alguma alusão, mesmo que remota, à *morte* de Moisés, ou ao *cadáver* dele, ou *ao que foi feito* (destino) com o cadáver dele, ou a *Miguel*, ou ao *diabo*, ou à *contenda* entre esses dois seres espirituais? A contenda entre Miguel e o diabo girou em torno de um só assunto: o que seria feito com o “corpo de Moisés”, ao passo que a reunião entre Jesus, Moisés e Elias, no Monte da Transfiguração, tratou da “sua [de Jesus] partida [morte], que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lc 9.31). Ora, honesta e friamente: O que há, então, de comum, de semelhante no conteúdo dessas duas histórias que justifique a sua interpretação conjunta? Absolutamente nada! Tudo isso comprova, pois, que os assuntos abordados nesses textos, em vez de se atraírem, se repelem. Não podemos “comparar laranjas com alhos”! Sendo assim, por que os adventistas (bem como algumas pessoas que não pertencem à IASD¹⁵), ao aplicarem

¹⁵ Existem alguns hereges que, assim como os adventistas, também negam que o homem tenha uma alma ou espírito imortal que preserve sua identidade e consciência após a morte do corpo físico. Quando estão diante do relato da transfiguração de Jesus, propõem uma explicação ligeiramente

o mesmo princípio interpretativo que aplicamos, ao mesmo texto (Jd 9), optaram por trilhar um caminho bem distinto, chegando, obviamente, a uma conclusão completamente diferente?

diferente (porém não menos deturpada) para a aparição do falecido Moisés. Este teria aparecido, não num corpo glorificado e imortal, tampouco como um espírito, mas num corpo idêntico ao de qualquer ser humano, que carece de ar, alimento, água, vestes, moradia, etc., e que um dia morrerá. Tais pessoas perceberam que, caso defendessem (como os adventistas o fazem) que Moisés havia ressuscitado num corpo glorificado antes mesmo de Jesus, então teriam sérias dificuldades com os textos que afirmam que Cristo foi o *primeiro* (cronologicamente falando) a ressurgir dentre os mortos, para nunca mais morrer (At 26.23; 1Co 15.20; Cl 1.18; Ap 1.5; pgs. 54-59). Para tentar escapar desse problema, eles usam Judas 9 como “prova” de que o arcanjo Miguel (que não seria Jesus) teria **vivificado** o “corpo de Moisés”, de modo que seu (muito estranho) retorno à vida teria sido **idêntico** aos demais casos registrados na Bíblia de pessoas que foram vivificadas. Então, Moisés teria saído da sepultura, sabe-se lá quando (muito provavelmente, *poucos minutos* antes de conversar com Jesus, pois seria mais estranho ainda se ele tivesse sido vivificado muito tempo antes desse encontro), com uma única finalidade: conversar com Jesus lá no Monte da Transfiguração. Segundo essa teoria antibíblica e essencialmente utilitarista, assim que cumpriu essa “missão suicida”, Deus, diferentemente das outras pessoas que foram vivificadas, *imediatamente* “matou” Moisés e sumiu com o corpo dele, a fim de que ninguém o encontrasse. Se as demais pessoas que foram vivificadas retornaram ao convívio social poucas horas ou, no máximo, quatro dias após terem entrado em óbito, tendo finalmente morrido novamente *anos depois*, no caso de Moisés foi completamente diferente, a despeito de os inventores dessa teoria afirmarem o contrário, ou seja, que a vivificação dele tenha sido *idêntica* às outras. Eis as significativas e óbvias diferenças que apontamos. Após o corpo de Moisés ter permanecido na sepultura por cerca de 1400 anos, sendo, portanto, completamente desintegrado pelos processos naturais, Deus, a fim de trazê-lo novamente à existência, precisou realizar um milagre sem paralelo algum com os outros registrados na Bíblia: Ele **recriou** Moisés inteiramente, fazendo surgir, do nada, órgãos e membros novíssimos (cabeça, tronco, pernas, braços, cérebro, coração, rins, pulmões, fígado, olhos, pele, artérias, sangue, etc.), soprou nele o fôlego da vida, e, assim, o trouxe novamente à vida consciente apenas para que ele pudesse falar, por alguns breves minutinhos, com Jesus. Após tal diálogo, ele foi instantaneamente eliminado por Deus, tendo retornado à anterior condição de inexistência, inconsciência. Como se percebe, o milagre pelo qual Moisés teria passado foi, sem dúvida alguma, “idêntico” aos casos de vivificações registrados na Bíblia! Ao tentar “ensinar a verdade” aos adventistas e, dessa maneira, não cair no “buraco interpretativo” em que estes se encontram, tais hereges caíram noutra igualmente profundo ao inventarem teoria tão pervertida e destituída de fundamento bíblico e sentido. Teologicamente falando, para os adventistas é fundamental que Moisés permaneça vivo. Para os proponentes da “teoria da vivificação”, porém, Moisés não poderia, de forma alguma, continuar vivendo neste mundo, pois ele não passava de um *mero objeto descartável* a ser trazido novamente à existência apenas para ser *usado* (pelos inventores da teoria) lá no Monte da Transfiguração, devendo ser, logo em seguida, descartado, eliminado. Por conta dos textos que afirmam ter sido Cristo o primeiro a ressurgir dentre os mortos num corpo glorificado, a permanência dele entre os vivos tornou-se não apenas desnecessária, mas também muito “perigosa” e “indesejável”. Aos tais, a sentença de Jesus: “Deixai-os; são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco” (Mt 15.14).

www.imortalidadedaalma.com

Em nossa opinião, por um único motivo: tentar explicar a aparição do falecido Moisés no Monte da Transfiguração e, assim, defender sua antropologia materialista e antibíblica que se vê perigosamente ameaçada nesse relato. Diferentemente de nós, o interesse e o foco dos adventistas **nunca foi esmiuçar** o texto de Judas 9, submetendo-o a rigorosos e inflexíveis critérios da exegese bíblica. Eles nunca tiveram interesse algum em *interpretar*, de fato, Judas 9, mas tão somente *usar* esse texto, utilitariamente, para *explicar* a aparição do falecido Moisés. Enquanto leem Judas 9, eles estão *préocupados* e profundamente obcecados com uma só coisa: *ressuscitar*, a qualquer custo, o “corpo de Moisés” e, em seguida, colocá-lo, vivo, no Monte da Transfiguração, pois disso depende, completamente, a vida e a razão de ser e existir da IASD.¹⁶ Ao se preocuparem unicamente com isso, eles acabaram

¹⁶ Como a doutrina da inconsciência dos mortos é um dos pilares que sustentam a *denominação* “IASD”, visto que EGW a ensinou na autoridade de quem só falava por meio do “espírito de profecia” (até um simples espirro dela devia ser inspirado), então é essencial que Moisés esteja *corporalmente vivo* a fim de que sua aparição no incidente da transfiguração seja explicada. Para esse grupo religioso, portanto, negar a imortalidade da alma e os seus naturais desdobramentos, a existência consciente dos mortos e o tormento eterno dos réprobos, é uma questão de sobrevivência, de vida ou morte, pois aceitar tal doutrina seria o mesmo que reconhecer que EGW errou, e se ela errou, então ela não passava de mais um dos muitos falsos profetas que semearam erro e confusão neste mundo, seja para desviar aqueles que já estavam no reto caminho, seja para dar a volta ao mundo “para fazer um prosélito e, uma vez feito”, torná-lo “filho do inferno duas vezes mais” (Mt 23.15). Se a liderança da IASD admitisse, algum dia, que o corpo de Moisés *está morto* (como de fato está), então esse grupo religioso deixaria de existir (“morreria”) imediatamente. O Moisés vivo, pois, é essencial para que a IASD permaneça viva, de pé. Arriscamo-nos a fazer uma rápida análise psicoreligiosa afirmando que esse grupo religioso tem sua *existência* (vida) e *práxis* religiosa vinculadas ao indivíduo Moisés e a tudo aquilo que ele representava, seja no que se refere à *natureza e ao destino humanos* (a ressurreição de Moisés é necessária, a fim de que o corpo [e não o espírito] glorificado dele pudesse aparecer no incidente da transfiguração), seja no que se refere à *primazia de Moisés sobre Jesus* acerca da morte (foi Moisés quem venceu, de uma vez por todas, o maior de todos os inimigos, a morte, *antes* mesmo de Cristo), seja no que se refere à questão da *guarda (seletiva) da Lei Mosaica como maneira de agradar a Deus e, assim, merecer a justificação*. Para EGW e seus seguidores, o indivíduo Moisés e a Antiga Aliança a qual ele personificava, baseada na tentativa de justificação pelas obras da Lei, ainda permanecem vivos, ressurretos mais do que nunca. Porém, para que a Nova Aliança, firmada na justificação *apenas* mediante a fé em Cristo Jesus, possa entrar, finalmente, no coração dos adventistas, é necessário que Moisés e o Pacto que com ele foram ressuscitados pela teologia corrompida de EGW morram, definitivamente, e retornem para aquela sepultura de localização desconhecida de onde jamais deveriam ter saído. O Novo não pode coexistir com o Velho. Foi o próprio Deus quem “matou” Moisés e, em seguida, providenciou o seu sepultamento e a ocultação de sua sepultura, tudo com o objetivo de impedir que alguém encontrasse o seu cadáver e,

abandonando, estratégica e convenientemente, o texto de Judas 9, não lhe dando a devida atenção, olhando-o apenas de relance, utilizando-o como um mero e discreto enfeite, adorno para o incidente da transfiguração. Exegeticamente falando, a leitura que fazem de Judas 9 é totalmente suspeita, duvidosa, pois está *subordinada* unicamente à *intenção prévia* de negar que foi o espírito de Moisés que apareceu no Monte da Transfiguração, e não aos rígidos e objetivos critérios da exegese bíblica como os que apresentamos aqui. A própria natureza das observações que os adventistas fazem de Judas 9 já revela, denuncia essa maneira tendenciosa, suspeita e interesseira com que tratam esse versículo, o que nada tem a ver com exegese bíblica. Para comprovar isso, tomemos como um representativo exemplo as declarações que um conhecido adventista brasileiro fez em um estudo elaborado para tentar defender a ressurreição de Moisés. No referido estudo, que será, segundo o adventista, guiado por dois “pressupostos”, ele começa, já na primeira página, dizendo:

Antes de estudar a respeito da ressurreição de Moisés, é fundamental que tenha em mente alguns pressupostos que nortearão seu estudo: **Pressuposto 1:** Não devemos imaginar que em Judas 1:9 Miguel e Satanás disputaram simplesmente “um corpo morto”. Li certa vez um comentário que alegou ter ocorrido uma disputa entre Miguel e Satanás “sobre o direito de enterrar o corpo de Moisés” ou de “ficar com ele”. **Isso é ridículo**, considerando que

de tanto contemplá-lo, passasse a cultuá-lo indevidamente, tornando-se seu seguidor. De modo completamente diverso, Deus fez questão de apresentar aos homens o sepulcro vazio de Seu Filho Unigênito, de modo que, ao encontrá-lo, passassem a contemplar, pela fé, não o sepulcro, obviamente, mas, sim, *apenas* a linda face do Cristo ressurreto, e, assim, com Ele se identificassem por meio do discipulado. Porém, parece que EGW não entendeu esse “recado divino”: fazendo uso de uma teologia pervertida, fruto de uma espiritualidade doentia, baseada em “visões”, “revelações” e “sonhos”, ela fez questão de procurar, diligentemente, a sepultura de Moisés; e, como “quem procura, acha”, assim que a encontrou, ela ressuscitou não somente o “corpo de Moisés”, mas também o Antigo Pacto que ele recebeu no Sinai. A *vida* e a *prática* religiosa da *denominação* “IASD” (bem como de outros grupos sectários de orientação judaizante, ou de pessoas que individualmente adotam essa visão religiosa) estão inseparavelmente ligadas à vida e às práticas de seu “grande herói”, Moisés, o primeiro a derrotar, para sempre, a morte. Toda vez que alguém tenta encontrar aquilo que o próprio Deus escondeu, ou reconstruir aquilo que Ele destruiu, problemas surgirão, sem dúvida.

www.imortalidadedaalma.com

Deus já havia sepultado o profeta, segundo Deuteronômio 34:6. Dizer que Miguel e Satanás ficaram “batendo boca” por causa de um cadáver é **desconsiderar a seriedade do conflito cósmico** que envolveu uma batalha real entre Cristo e Seus anjos, e Satanás e os anjos dele, como lemos em Apocalipse 12:7-9. **É óbvio que a disputa envolvia algo de muito mais importância e seriedade** do que simplesmente a posse de um “cadáver”. O impasse ocorrido entre Miguel e Satanás foi a respeito da **legalidade** da ressurreição de Moisés.¹⁷ (apenas os destaques em cinza são nossos)

Honestamente, essa é a postura de alguém que possui o sincero, firme e consciente desejo de deixar a Bíblia falar por si mesma? Acaso isso pode ser considerado exegese bíblica? O que se percebe nitidamente, isso sim, é o apologista adventista, guiado unicamente por seus pressupostos, fazer uma leitura completamente impositiva, dogmática de Judas 9, *obrigando* esse texto a dizer aquilo que *ele quer* que seja dito, a saber: que aquela disputa foi em torno da *ressurreição* do “corpo de Moisés”. Em vez de aproximar-se de Judas 9 com um espírito humilde, aberto e receptivo, extraindo desse texto perguntas diretas, objetivas (como as que fizemos), a fim de que ele (o texto) dirija, guie a sua (do adventista) interpretação, ele, ao contrário, começa e finaliza sua leitura afirmando, ditatorialmente, o seu ponto de vista. Primeiro ele afirma aquilo que Judas 9 não estaria ensinando: “*Não devemos imaginar que em Judas 1:9 Miguel e Satanás disputaram simplesmente ‘um corpo morto’... Isso é ridículo... É óbvio que a disputa envolvia algo de muito mais importância e seriedade... simplesmente a posse de um ‘cadáver’*”. E depois ele finaliza afirmando qual é a única leitura correta desse texto (que é a dele, obviamente): “O impasse ocorrido entre Miguel e Satanás foi a respeito da legalidade da ressurreição de Moisés”. Ora, essa é a conduta de alguém que deseja ouvir a Bíblia falar?

¹⁷ QUADROS, Leandro. Porque você deve crer na ressurreição de Moisés : *Evidências bíblicas e extrabíblicas de que Moisés e Elias apareceram em corpo no Monte da Transfiguração*, pgs. 10, 27. Disponível em: http://cursosdabiblia.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Ebook_Moisés_finalizado.pdf. Acesso em: 25 junho 2019.

Caro leitor, veja novamente, logo abaixo, as perguntas que anteriormente extraímos de Judas 9 (pgs. 16-19) a fim de encontrar algum(ns) ponto(s) em comum que vinculasse(m) o conteúdo desse texto com outro(s) texto(s) bíblico(s). Em seguida, compare e julgue, por si mesmo, se existe alguma *diferença* entre a nossa *intenção/postura* no momento de interpretar Judas 9 e a do apologista adventista:

Acaso existe algum outro lugar, na Bíblia, em que seja feita menção à *morte de Moisés* e, também, ao que *foi feito com o cadáver* dele?

Haveria outra passagem bíblica que mostre qual foi a *vontade do Senhor* em relação ao que deveria ser feito com o corpo de Moisés?

Existiria algum texto bíblico mostrando que o “*corpo de Moisés*” poderia ser usado para prejudicar os israelitas?

Qual era o *maior interessado* em fazer com que os israelitas pecassem contra Deus ao idolatrarem o cadáver de Moisés?

Essas perguntas diretas, objetivas foram formuladas *a partir* daquilo que *está escrito* no texto de Judas 9 (e, também, de Dt 34.5, 6), de modo que elas não possuem qualquer intenção de defender ou refutar, antecipadamente, nenhuma doutrina ou interpretação. Esse procedimento interpretativo que aplicamos é conduzido, controlado unicamente pelo texto de Judas 9, e não por nossos pressupostos pessoais, denominacionais e teológicos, pois a nossa intenção é apenas que a Bíblia fale por si mesma. Diversamente do que faz o apologista adventista e seus pares, nós não fomos a Judas 9 já com a “*resposta pronta*”, “*fechada*”; antes, porém, deixamos que o *próprio texto* nos fornecesse as respostas (e/ou pistas) que procurávamos. O adventista não faz pergunta alguma ao texto de Judas 9, esperando receber dele alguma resposta, justamente porque ele *já possui*, de antemão, a resposta, a qual lhe foi dada por EGW; ele não tem interesse nem desejo algum de que sua leitura seja guiada pelo texto de Judas 9, mas, sim, que a sua leitura guie esse texto; não deseja ouvir Judas 9 falar com ele, mas apenas calar esse texto de

modo que somente a voz de EGW seja ouvida e prevaleça no final. Ao estilo dos gangsteres americanos ou mafiosos chineses, ele, truculentamente, encostou uma “arma na cabeça de Judas 9” e, em seguida, obrigou-o a assumir, contra a sua vontade, que aquela disputa foi pela ressurreição de Moisés. Enfim, os comentários do apologista adventista demonstram, por si sós, que ele sufocou completamente o texto de Judas 9 ao tratá-lo de uma maneira soberba, impositiva, preconcebida, suspeita e tendenciosa. Essa mesmíssima disposição é encontrada, invariavelmente, nos demais apologistas e/ou comentaristas adventistas quando estão diante desse versículo.

Sendo assim, se, por um lado, Judas 9 é central para que a doutrina da inconsciência dos mortos e a própria IASD não sejam destruídas pela aparição do falecido Moisés no incidente da transfiguração, por outro lado os adventistas criaram para si mesmos um grande dilema, pois eles estão terminantemente proibidos de interpretar esse texto *a partir das próprias informações que ele fornece*, submetendo-o à metodologia que estamos realizando. Se fizerem isso, jamais conseguirão relacioná-lo ao relato da transfiguração, mas, sim, apenas ao texto de Deuteronômio 34.5, 6, e aí serão obrigados a concluir que aquela contenda entre Miguel e o diabo girou em torno do *sepultamento* do “corpo de Moisés”.

Os adventistas acreditam que a Bíblia interpreta a si mesma. No entanto, no momento de *aplicar* esse princípio a certos textos — como é notoriamente o caso, por exemplo, de Judas 9 — eles nem sempre se pautam pelo rigor acadêmico, o qual se distingue pela busca consciente, determinada e constante de objetividade e coerência metodológicas no momento de interpretar as Escrituras. Essa seletividade interpretativa, contudo, é uma velha e conhecida característica dos grupos religiosos sectários ou de hereges solitários, que sempre vem à tona todas as vezes em que algum texto bíblico contraria os seus ensinamentos heterodoxos. Interpretar Judas 9 à luz de qualquer outro texto da Bíblia, que não seja Deuteronômio 34.5, 6, é fazer

www.imortalidadedaalma.com

uma exegese completamente tendenciosa, preconcebida e suspeita, cujas raízes não estão fincadas no solo firme e seguro de uma metodologia acadêmica rigorosa, coerente, objetiva e séria, mas, sim, no arenoso, inseguro e instável terreno da paixão religiosa, a qual move ou paralisa o indivíduo, influenciando-o, em todo o tempo, a defender (ou refutar) uma determinada doutrina/interpretação de maneira cega e apaixonada apenas porque a recebeu, “pela fé”, de algum líder religioso supostamente inspirado por Deus. A associação entre Judas 9 e o relato da transfiguração só pode ser feita unicamente por meio da mescla de mecanismos psicológicos, emocionais e teológicos de um determinado grupo religioso, mas de forma alguma por meio dos critérios metodológicos da exegese bíblica. Que os adventistas apontem um único ponto em comum que coloque Miguel e o diabo, contendendo pelo destino a ser dado ao “corpo de Moisés”, no cenário da transfiguração de Jesus (e vice-versa).

O arcanjo Miguel queria *sepultar* o “corpo de Moisés”

Como vimos no primeiro tópico deste estudo (pgs. 8-14), se uma pessoa leiga ler o texto de Judas 9 usando apenas o natural bom senso e a intuição, seguindo o senso comum, ela imediata e acertadamente concluirá que o “corpo de Moisés”, no momento em que Miguel e o diabo disputavam o destino que lhe seria dado, estava insepulto. A questão em torno do destino que teria o cadáver dele só foi decidida após o “Senhor” (o Juiz) ter expulsado o diabo, deixando o caminho livre para que Miguel pudesse realizar aquele sepultamento. Uma leitura simples de Judas 9, que não exige qualquer reflexão refinada, desembocará naturalmente nessa conclusão tal qual um rio que deságua no mar.

Dessa maneira, se “o bom senso e a sã exegese andam juntos”, então a metodologia interpretativa que aplicamos a Judas 9 e a Deuteronômio 34.5, 6, por meio da qual descobrimos o que havia de **comum** no conteúdo desses dois textos

(pgs. 16-22), deverá concordar, na íntegra, com essa “leitura leiga” que realizamos. A partir de agora, pois, reuniremos todas as informações que colhemos numa interpretação que congregue bom senso e exegese bíblica.

De acordo com “nossa” interpretação, aquela contenda foi desencadeada porque Miguel queria sepultar (e não ressuscitar) o “corpo de Moisés”, porém o diabo tentou impedi-lo. Como fizemos notar (pg. 17, item 3), a vontade do Senhor era que os israelitas não tivessem o menor contato com o cadáver de seu grande líder recém-falecido, nem mesmo para sepultá-lo. Para realizar essa inédita missão, Ele destacou um de Seus fiéis e poderosos ministros, Miguel. Porém, no momento em que esse arcanjo foi ao topo do Monte Nebo para pegar o “corpo de Moisés”, o diabo apresentou-se para impedi-lo de cumprir aquela ordem superior (Jd 9). O conflito, pois, instalou-se. O príncipe das trevas não tinha poder algum para opor-se *diretamente* ao “Senhor”, mas podia oferecer resistência ao Seu mensageiro, e assim o fez. Sua intenção maligna era que o cadáver de Moisés permanecesse caído e insepulto no Monte Nebo até que os israelitas, percebendo que seu líder havia morrido, subissem, pegassem-no, descessem, e, em seguida, sepultassem-no num local por todos conhecido. Miguel, por estar diante de uma “autoridade superior” (Jd 8), o diabo, “não se atreveu” a censurá-la (v. 9)¹⁸, mas disse-lhe: “O Senhor te

¹⁸ Os ASD, que se consideram trinitaristas, acreditam que o arcanjo Miguel é Cristo, a Segunda Pessoa da Trindade, sendo, portanto, *plenamente* Deus Eterno, Todo-Poderoso, Onisciente, Onipresente, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, as quais Ele sustenta apenas com a palavra de Seu poder, possuindo a mesmíssima natureza e glória do Pai e do Espírito. Porém, como explicar, então, a afirmação de que tão “todo-poderoso” e “infinito” ser, diante de uma de suas criaturas, o diabo, “não se atreveu” (gr. οὐκ ἐτόλμησεν, “não ousou”, “não teve coragem de”) a repreendê-la, passando tal tarefa ao “Senhor”? Caro leitor, partindo do pressuposto de que seja mesmo verdade que Miguel é a Segunda Pessoa da Trindade, responda-nos: “Em sua opinião, seria apropriado, então, usar, em relação a Ele, expressões como ‘não se atreveu’, ‘não teve coragem’, ‘não ousou’? Você, por exemplo, seria capaz de dizer que o Pai ‘não se atreveu’ a fazer determinada coisa com alguma de Suas criaturas que Lhe desafiaram? Ou, então, tais expressões seriam mais adequadas apenas às criaturas?” (É digno de nota que, em todas as ocorrências do verbo grego *τολμάω* [“atrever-se”, “ousar”, “ter coragem de”] no NT, bem como em suas formas adjetivadas e adverbiais, em absolutamente nenhuma delas tal verbo e seus derivados são aplicados a Deus, mas apenas a criaturas.) Ora, será que o simples fato de ter sido *obrigatória a intervenção* do “Senhor” naquela

repreenda”.¹⁹ Ele buscou o auxílio dAquele mesmo “Senhor” que mandou Moisés subir sozinho ao Monte Nebo para ali morrer (Nm 27.12, 13; Dt 32.48-50) e, em seguida, providenciou o seu sepultamento num local desconhecido (Dt 34.5, 6), pois o “Senhor”, além de ter-lhe incumbido daquela missão, também era o único que possuía poder e autoridade sobre Sua hostil criatura. O “Senhor” interveio, o diabo foi obrigado a retirar-se, e aí então Miguel pôde pegar o “corpo de Moisés” (Jd 9), que estava estendido no “monte Nebo, ao cume de Pisga” (Dt 34.1), transportá-lo até “um vale, na terra de Moabe, em frente de Bete-Peor”, abrir uma “sepultura”, e, por fim, enterrá-lo num local totalmente desconhecido (v. 6). No momento em que Miguel e Satanás contendiam, o “corpo de Moisés” ainda estava, como costumamos dizer, “quente”, pois ele havia acabado de morrer. Uma vez que Judas 9 e Deuterônomo 34.5, 6 são as duas faces da mesma moeda, devendo, portanto, ser interpretados conjuntamente, segue-se (por uma razão lógica) que os eventos narrados nesses dois textos ocorreram nos mesmos local, dia e horário. Como se percebe, a “leitura leiga” que fizemos de Judas 9 (pgs. 8-14) foi confirmada,

contenda, pois *somente* assim ela poderia ser encerrada, já não é prova mais que suficiente de que Miguel não tinha poder nem autoridade para vencer, sozinho, o diabo, o que demonstraria que ele não é Jesus? Afinal, se Miguel fosse infinitamente superior a Satanás, então esperaríamos que ele mesmo o repreendesse. Ao aplicarem a expressão “não se atreveu” ao Verbo Eterno, os adventistas O transformam, blasfemosamente, num ser completamente fraco, impotente, que, durante um confronto com uma de Suas miseráveis e insignificantes criaturas, precisou, humildemente, calar-se, “baixar a cabeça”, e pedir ajuda ao “Senhor” (Jd 9). O *homem* Jesus foi, sem dúvida, a pessoa mais humilde a pisar esta Terra. Contudo, será que seria apropriado ao Filho, *antes* de encarnar-Se, revelar alguma humildade diante de quaisquer de Suas criaturas, especialmente quando teria sido desafiado por um anjo caído, o diabo? Conforme a sã teologia, só podemos concluir que o emprego da expressão “não se atreveu”, em Judas 9, só serve para reforçar, ainda mais, a verdade de que Miguel não apenas *não é Jesus*, mas, também, *é inferior ao diabo*. Nem em pensamento nos atrevemos a rebaixar o Filho de Deus a posição tão desprezível e indigna de Sua majestade como EGW (e seus seguidores) o fez unicamente para ressuscitar Moisés e, assim, tentar neutralizar a doutrina da imortalidade da alma no incidente da transfiguração. Será que vale a pena pagar um preço tão alto assim?

¹⁹ O verbo ἐπιτιμῆσαι (de ἐπιτιμᾶω, “admoestar”, “repreender”, “mandar”, “ordenar”) está no modo *optativo*, que serve para expressar um *desejo*, a saber: o desejo de Miguel de que outro Ser, o “Senhor”, repreendesse o diabo. Por ser inferior ao “homem valente”, Miguel não tinha poder nem autoridade para censurá-lo, motivo pelo qual precisou recorrer ao “Senhor”. ἐπιτιμᾶω “era uma palavra de ordem usada por Jesus para subjugar as forças hostis”, como vemos em Mt 17.18: “E, repreendeu [ἐπετίμησεν] Jesus o demônio, que saiu dele, e desde aquela hora o menino sarou” (*Chave Linguística do Novo Testamento Grego*, RIENECKER, Fritz, ROGERS, Cleon, p. 600).

www.imortalidadedaalma.com

ratificada pelos critérios da exegese bíblica, demonstrando que aquela contenda entre Miguel e o diabo foi em torno do sepultamento do “corpo de Moisés”, a conclusão mais natural, sensata e óbvia a que se poderia chegar!

Por que Deus impediu os israelitas de terem acesso ao “corpo de Moisés”?

Como fizemos notar, a contenda mencionada em Judas 9 foi provocada porque o diabo quis impedir que o arcanjo Miguel sepultasse o “corpo de Moisés”, pois ele desejava que os próprios israelitas realizassem tal serviço. Agora, por uma questão de ordem natural, surge a seguinte pergunta: “Por que Deus não permitiu aos israelitas qualquer tipo de contato com o cadáver de Moisés?” Já adiantamos, desde já, que a resposta encontra-se na relação entre o tratamento inédito que o Senhor deu ao cadáver de Moisés ao ter providenciado, Ele mesmo, o seu sepultamento num local completamente oculto aos israelitas (Dt 34.5, 6), e a disputa entre Miguel e o diabo em torno do que seria feito com aquele cadáver (Jd 9).

Ao contrário da morte de Arão, a qual foi testemunhada por Moisés, seu irmão, e por Eleazar, seu filho (Nm 20.25-29), a morte de Moisés não foi testemunhada por ninguém:

Depois, disse o SENHOR a Moisés: Sobe a este monte Abarim e vê a terra que dei aos filhos de Israel. E, tendo-a visto, serás recolhido ao teu povo, assim como o foi teu irmão Arão (Nm 27.12, 13).

Naquele mesmo dia, falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Sobe a este monte de Abarim, ao monte Nebo, que está na terra de Moabe, defronte de Jericó, e vê a terra de Canaã, que aos filhos de Israel dou em possessão. E morrerás no monte, ao qual terás subido, e te recolherás ao teu povo, como Arão, teu irmão, morreu no monte Hor e se recolheu ao seu povo (Dt 32.48-50).

Então, subiu Moisés das campinas de Moabe ao monte Nebo, ao cimo de Pisga, que está defronte de Jericó; e o SENHOR lhe mostrou toda a terra de Gileade até Dã... Assim, morreu ali Moisés, servo do SENHOR, na terra de

Moabe, segundo a palavra do SENHOR. Este o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura (Dt 34.1, 5, 6).

Moisés, o grande líder que, ao longo de quarenta anos, viveu cercado por milhões de israelitas, agora, no dia de sua morte, viu-se completamente sozinho. “Apenas” o Senhor estaria ao seu lado, mais ninguém. Talvez por uma daquelas “coincidências divinas”, a despedida solitária de Moisés desta vida foi semelhante ao dia em que ele se encontrou, pela primeira vez, com o Senhor lá no Monte Horebe. Naquela ocasião, ele se encontrava, sozinho, apascentando as ovelhas de seu sogro Jetro, momento em que o Senhor apareceu-lhe em meio a uma sarça ardente e, em seguida, levantou-o para libertar o povo israelita do jugo egípcio (Êx 3). Como foi no início, assim também foi no fim: no dia de sua morte, o Senhor ordenou-lhe que subisse, sozinho, ao Monte Nebo, de forma que ninguém testemunhasse sua morte nem lhe desse, ao menos, um sepultamento. Por quê?

Qualquer leitor cuidadoso da Bíblia, ao se deparar com o relato da morte de Moisés (Dt 34), certamente se perguntará: “Por que Deus, de maneira inédita na história da humanidade, providenciou que o corpo de Moisés fosse sepultado por um ser espiritual, num local completamente ignorado pelos israelitas, de modo que ele jamais fosse encontrado? Nem mesmo o corpo de Jesus recebeu semelhante tratamento: Deus fez questão que diversas pessoas vissem Sua paixão e morte na cruz e, em seguida, Seu corpo ser depositado, por homens, num sepulcro de fácil localização. Tudo feito às claras, com inúmeras testemunhas. No caso de Moisés, contudo, foi justamente o oposto: após ter ordenado que Moisés subisse sozinho até o topo daquele monte, para ali ser recolhido, Deus, de maneira única na história, não liberou aos israelitas o cadáver dele, nem para velá-lo, nem para sepultá-lo, nem mesmo lhes indicou, posteriormente, a localização de sua sepultura

para que os israelitas pudessem ocasionalmente visitá-la e ornamentá-la. Proibição e sigilo absolutos. Por quê?”

Por mais que reflitamos sobre o motivo de tal proibição, no final chegaremos a uma só conclusão: o perigo da idolatria e suas consequências a Israel. Não existe outra explicação. Tal proibição foi unicamente por causa dos israelitas, pois se eles pegassem o “corpo de Moisés” e, em seguida, o sepultassem, certamente transformariam o seu túmulo (o qual provavelmente seria finamente construído e decorado) num autêntico templo pagão, no qual Moisés passaria a ser venerado como um deus. A prática pagã de cultuar túmulos que abrigam (ou abrigaram) os restos mortais de grandes líderes ou pessoas ilustres (sejam do mundo religioso ou não), ou objetos a eles associados, é antiquíssima e universal. Só para citar um exemplo, veja o caso de boa parte dos católicos romanos e o tratamento que dispensam às relíquias de santos, mártires, papas, etc.²⁰ Em linhas gerais, os

²⁰ Idolatria. O desejo humano de cultuar os seus iguais (ou qualquer outra coisa que a mente carnalmente criativa possa conceber), estejam eles vivos ou mortos, é uma prática que persegue a humanidade desde o dia em que nossos primeiros ancestrais foram expulsos do Éden. Pior que um demônio, esse pecado, “obra” da velha “carne” (Gl 5.19-21), entranha-se de tal maneira nas pessoas, nas culturas, que Paulo e Barnabé não tiveram muito êxito ao tentarem, após muito esforço, exorcizá-lo da mente dos moradores da cidade de Listra (At 14.8-18). Quando não são as pessoas comuns do povo que espontaneamente constroem altares para cultuar seus líderes-deuses que *ainda* respiram (ou os que já partiram), são estes que, por meio do decreto e da força bruta, reclamam para si mesmos tal glória que lhes é indevida. Nos contextos, porém, em que há confluência desses carnais interesses, aí então esse culto transcorre em perfeita paz e harmonia. Idolatria. Eis o pecado que os israelitas cometeriam caso tivessem contato com o “corpo de Moisés”, pois eles transformariam o seu sepulcro num objeto sagrado, mágico, ao mesmo tempo em que elevariam a sua pessoa à condição de uma divindade, pois, afinal, foi isso o que eles sempre viram ser feito lá no Egito (nação de onde recentemente haviam saído) e o que estavam vendo ser feito entre os cananeus. Os descendentes de Jacó, que nasceram e se multiplicaram no Egito, ficaram por cerca de 4 séculos completamente imersos numa cultura essencialmente idólatra, em que não apenas animais (boi, gato, crocodilo, chacal, etc.) eram cultuados, mas uma infinidade de deuses (Rá, Osíris, Ísis, Set, etc.). O “Faraó-deus” que foi obrigado a vergar-se ante o poder do verdadeiro Deus também se considerava e era considerado um deus, assim como os demais Faraós. Não podemos deixar de acrescentar nessa lista de malucos megalomaniacos boa parte dos imperadores romanos, os quais se constituem noutro exemplo bastante conhecido da Antiguidade em que “caolhos” exigiam para si o culto das multidões de “cegos”. Avançando rapidamente milhares de anos, é bastante comum encontrarmos, hoje, especialmente nos ambientes universitários da área de Humanas, comunistas que, apesar de inflarem o peito e declararem: “Sou ateu com orgulho!”, no dia-a-dia acabam elevando figuras como Marx,

Engels, Trotsky, Lenin, Mao, Che-Guevara e Fidel à posição de divindades. Ai de quem ouse “profanar” o santo nome deles, ou, então, discordar de seus “escritos sagrados”! O autor deste estudo conhece, pessoalmente, um comunista brasileiro extremamente convicto e intelectualizado, de 80 anos de idade, que, de boca cheia, confessa ser ateu desde os 14, fase de sua vida em que trocou o humilde e acessório cargo de coroinha da igreja pelo de “profeta” da nova “fé” à qual converteu-se e tornou-se, imediatamente, um fervoroso porta-voz, desde então. Aposentado e físico de profissão, formou-se na antiga União Soviética, a sua “Terra Santa”, “Jerusalém”, solo sagrado em que seus deuses, em sua infinita sabedoria e misericórdia, um dia decidiram se encarnar, andar e começar a pregar as boas-novas com vistas a evangelizar os pobres, curar os quebrantados de coração, libertar os cativos, restaurar a vista aos cegos e a pôr em liberdade os oprimidos. (E como a História comprova o sucesso que tiveram nessa empreitada redentora: a fim de levar o seu “evangelho vermelho” até os confins da Terra, tais deuses derramaram muito sangue precioso, não o deles, é claro!) Ele costumava participar, quando ainda era um jovem universitário, dos famosos e concorridos Congressos do Partido Comunista que lá aconteciam todos os anos, os quais atraíam jovens romeiros das mais diversas e longínquas nações, todos ávidos por ouvir os poderosos e ungidos sermões marxistas pregados pelos profetas mais proeminentes da época. Ao final de um desses “cultos”, lembra-se com orgulho, conseguiu, por um ato de pura e invejável fé, após ter vencido a grande multidão de fiéis, tocar a mão de uma entidade cubana que havia “baixado” e se materializado no altar do santo templo, e, com a virtude liberada de seu sagrado corpo, viu-se imediatamente curado de seu “fluxo de sangue”, milagre este que não somente deu-lhe saúde perfeita, mas fé para, a partir daí, amar, ainda mais, a cor de seu estandarte. Antes, porém, de novamente diluir-se na multidão de peregrinos crentes que se acotovelava para tentar tocar na entidade na esperança de também serem curados, ele ainda ouviu a tão esperada bênção apostólica de seus santos lábios, os quais ostentavam um belo e enorme charuto aceso: “Tem bom ânimo, meu filho, a tua fé te salvou”! Melhor que ninguém, conhece a sua religião em seus pormenores, e, com a mesma ferocidade com que defende perante os “infieis” a implantação de seu Reino paradisíaco terrestre, ataca os males causados pelo Capitalismo e pela Religião, os quais são, apenas eles, os únicos culpados por todas as mazelas deste mundo, desde os muitos derramamentos de sangue inocente já perpetrados, até a exploração dos pobres, ignorantes e indefesos trabalhadores, os quais trocam sua sagrada força de trabalho por um pedaço de pão seco e embolorado. Contudo, de tanto investir tempo, energias físicas e mentais e recursos financeiros na causa de seu Reino, o “velho profeta de Betel” vem se “esquecendo” de pagar, há quase 8 anos, o mísero salário mensal de R\$ 700,00 e demais benefícios (13º, férias, etc.) à empregada que dele cuida amorosa, paciente e diligentemente, 24 horas por dia, 365 dias por ano, cozinhando, limpando, passando, etc. Embora ganhe R\$ 10.000,00 de aposentadoria por mês, há anos ele se encontra afundado, até o pescoço, em dívidas contraídas, e diversas vezes refinanciadas, justamente com quem? Com os bancos pertencentes aos malditos capitalistas (a culpa é sempre deles!). Atualmente, é a humilde, analfabeta e (por ironia do destino) *cristã* senhora que o ajuda nas despesas do lar, por meio de uma pensãozinha de 1 salário mínimo que recebe. Ele, porém, ao ver-se aproximar-se do fim, jura, de pés juntos, que, antes de morrer, ainda pagará à indefesa proletária-doméstica-cristã, que vive sozinha neste mundo (pois seu único filho já morreu há quase 10 anos), cada centavo da dívida que lhe deve, a qual já ultrapassa R\$ 80.000,00, pois, afinal, esse negócio de “roubar o salário do trabalhador” ou “explorar a sua força de trabalho” sempre foi coisa de capitalista, mas jamais de comunista. Segundo o “código de honra” de sua religião, comunista algum da face da Terra leva consigo, à sepultura, a desonra, o opróbrio de ter causado algum dano aos trabalhadores. Nenhum de seus “camaradas” de fé apareceu, até hoje, para ajudá-lo a quitar a tão inconveniente e, sobretudo, emblemática dívida que tem com a humilde e desamparada trabalhadora... E o que dizer, também, da perversa, covarde, mentirosa e hipócrita dinastia Kim, na Coreia do Norte, que embora de orientação comunista, tiranicamente obriga os pobres e indefesos norte-coreanos — que já vivem

www.imortalidadedaalma.com

miseravelmente presos em sua “prisão-pátria”, em sua “Auschwitz” — a se curvarem, humilhanamente, todas as vezes que passam diante do “altar” sobre o qual se encontram ladeadas, na luxuosa capital Pyongyang, as duas enormes e imponentes estátuas de dois deuses já falecidos: Kim Il-sung e Kim Jong-il? O terceiro deus (o “rocket man”), que ainda vive e reina soberba e soberanamente sobre o seu alto, majestoso e largo trono, com mão de ferro e barriga bem cheia, certamente completará, nos dois planos de existência, a tríade atéia quando partir desta vida: quando sua alma juntar-se às das outras duas divindades, para com elas padecer no Hades (= Sheol), a estátua de seu volumoso corpo, finalmente imortalizado em bronze, juntar-se-á aos outros dois monumentos à maldade, covardia, loucura e megalomania humanas, os quais são infinitamente mais bem tratados que os famintos que diante deles se dobram diariamente. Embora uma das duas divindades tenha sido retratada com uma das mãos levantada, como se estivesse amorosamente “abençoando” os seus “voluntários” adoradores, estes, quando olham para ela e, em seguida, para a sua desgraçada e miserável realidade, não conseguem ver bênção alguma emanando dela, mas apenas um impiedoso e intimidador chicote feito com o arame farpado que os impede de fugir daquele maldito e enorme campo de concentração e extermínio: “Caso não me adorem ou, então, saiam da linha, olha só o que tem para vocês”. À luz desse culto à personalidade que os deuses norte-coreanos (e tantos outros, como os eternamente malditos Hitler e sua corja nazista, Stalin, Mao, Pol Pot, etc.) exigem para si mesmos, parece ser mesmo verdade que um dos combustíveis que move a “religião” Comunista seja, como alguns suspeitam, a *inveja*, pois tão logo seus líderes-deuses derrubam os altares das religiões as quais proíbem sob a acusação de serem nocivas ao homem, imediatamente constroem outros para que eles passem a ser cultuados por essas mesmas massas que um dia juraram, com a mão direita sobre o *Capital*, proteger e libertar. Deixando de lado a hipocrisia comunista e o desejo de seus líderes de serem cultuados, passemos, então, ao mundo religioso cristão, o qual também tropeça, a seu modo, nesse antigo desejo por idolatrar aqueles que, por natureza, não são deuses. Quantos milhares de pessoas deificam seus pastores, bispos, apóstolos, apologistas, teólogos, etc. de maneira tão apaixonada e cega, que, para defendê-los, são capazes de passar fome, deixar família, vender tudo o que têm, brigar com todo mundo e com o mundo todo, sacrificar a espiritualidade, etc., ao passo que muitos desses líderes ou estudiosos, embora aceitem tal culto com abominável prazer silencioso, não são capazes de levantar, como dizia Spurgeon, “nem metade da substância de uma teia de aranha” por eles? E o que dizer, então, dos muitos calvinistas que exaltam Calvino a uma posição tão elevada, que seus escritos acabam sendo considerados, na prática, “infalíveis”, “inspirados”, tidos como a única lente autorizada e confiável para se interpretar corretamente a Bíblia? Assim como uma criancinha de 5 anos que, ao ver-se perturbada pelos seus amiguinhos da escola, defende-se repetindo aquilo que aprendeu em casa com sua mamãe, qualquer controvérsia bíblica que surge, eles imediatamente perguntam: “O que foi que *Calvino* disse acerca disso?” Ai de quem ouse falar mal dele ou de suas *Institutas*! Pode até ser decapitado, o que já seria um grande lucro, pois ir para a fogueira seria muito pior e desumano! Quão maravilhoso seria para o Reino de Deus se todos esses cristãos reorientassem suas intenções e energias e começassem, de todo o coração: a buscar a Deus em oração, a viver uma vida santa, a meditar na Palavra, a evangelizar, a visitar os necessitados, etc.! A lista é muito grande, mas poderíamos citar, em linhas gerais, os milhões (ou bilhões?) de seres humanos que constroem os mais variados e estranhos altares e, sobre eles, entronizam não apenas homens vivos ou mortos, mas dinheiro, beleza física, sexo, fama, orgulho, esposa, marido, filhos, inteligência, cargos influentes, nacionalidade, cor, raça, religião, maldade própria, desgraça própria, etc. Nesse desejo por prestar culto a uma ou mais dessas divindades, podemos identificar, conforme a Bíblia nos ensina, a atuação sorradeira e mortífera da antiga e famosa “carne”, a qual dará a cada um, no final, seja religioso ou não, a única moeda que possui: a morte eterna (Rm 8.13). Essa fila quase sem fim de adoradores idólatras, encabeçada pelo primeiro Adão, prossegue sua lenta, cambaleante e imparável marcha rumo ao precipício, arrastando os pés tal qual uma horda incontável, informe e

www.imortalidadedaalma.com

mecanismos psicoreligiosos desse tipo de prática são simples de serem compreendidos: as pessoas supersticiosas acreditam que “alguma coisa” (sabedoria, santidade, poder para operar curas e milagres, etc.) da pessoa que partiu ainda permanece unida, ligada aos seus restos mortais, de modo que o simples contato ou a mera aproximação com estes, somado às preces dirigidas ao morto (ao espírito dele), gerariam bênçãos aos fiéis.²¹

A motivação de um peregrino para empreender uma viagem de peregrinação é ver e venerar uma relíquia num dado local, uma vez que não há lugar de peregrinação onde não haja um elemento concreto ou abstrato que possa ser objeto de veneração, de culto e de vislumbre. O termo “relíquia”, que está relacionado ao verbo latino *relinquere* e pode ser traduzido pelo grego *λείψανα*, significa “o que foi deixado para trás”. De fato, as relíquias representam os restos do passado, de um acontecimento ou personagem que carregam em si um testemunho e permitem evocar sua lembrança. Isso é válido para todos os sítios bíblicos, sendo a Palestina como um todo considerada um lugar santo, pois foi lá que viveu Cristo. Efetivamente, é em torno das relíquias que estão os lugares de peregrinação, e os elementos materiais que constituem uma relíquia são os ossos de um mártir ou qualquer outro objeto relacionado a ele. Quando não há uma prova material que constitua uma relíquia, há sempre um lugar relacionado a um fato importante que atrai peregrinos e que acaba por ser considerado um lugar santo.²²

Uma das mais significativas expressões do culto aos santos sempre foi a veneração às suas relíquias. Os fiéis acorriam em peregrinação às igrejas que

irracional de zumbis canibais que perseguem um homem são que, de tanto desespero, prefere pular e despedaçar-se lá embaixo a tornar-se um deles. A “carne”, ou seja, a natureza humana sem Deus, inconversível é o que escraviza e move toda essa gente, desde os dias da Queda de Adão, passando pelos israelitas supersticiosos e famintos por outros deuses que prantearam por Moisés, até a atualidade. Somente Cristo pode livrá-los de existência tão miserável.

²¹ O perigo de os israelitas passarem a cultuar Moisés já *pressupõe* que eles sempre acreditaram na imortalidade da alma, ou seja, na ideia de que uma parte do ser humano (alma ou espírito) sobrevivia conscientemente após a morte do corpo físico.

²² MARTINS, Maria Cristina. *Peregrinação de Egéria : Uma Narrativa de Viagem aos Lugares Santos*. 1ª edição. Uberlândia: EDUFU, 2017, p. 16, 17.

custodiavam as relíquias dos santos de sua devoção ou daqueles que eram propostos como intercessores para dificuldades específicas. Essas ocasiões, propícias para uma aferventação da piedade, ofereciam-se como uma verdadeira oportunidade para a intensificação da vida espiritual, a partir do exemplo do santo e, também, de seu patrocínio e intercessão, vivenciados nas celebrações litúrgicas em honra de sua memória, sempre em referência à pessoa de Cristo, Verbo do Pai.²³

Ora, será que os israelitas não fariam o mesmo com o falecido Moisés? Você, caro leitor, seria capaz de colocar a mão no fogo por eles no que tange à prática desse delito em especial? Seria?

Chamemos o Antigo Testamento como nossa testemunha de defesa, pois é nele que encontramos, praticamente do começo ao fim, a história de um Deus amoroso e longânimo que sempre estendeu “as mãos todo dia a um povo rebelde, que anda por caminho que não é bom, seguindo os seus próprios pensamentos” (Is 65.2; Rm 10.21). Os israelitas, por causa de seu coração incrédulo, rebelde, insensato, supersticioso e volúvel, rendido à carne, sempre estavam prontos para trocar (como sempre o fizeram), num piscar de olhos, o único e verdadeiro Deus por um bezerro de ouro (Êx 32.1-10), ou por uma estola sacerdotal (Jz 8.24-27), ou por uma serpente de bronze (2Rs 18.1-40; Nm 21.4-9), ou por quaisquer outras futilidades provenientes do coração humano incircunciso. Aquela gente (assim como qualquer ser humano, não importa o lugar ou a época, se religioso ou não) era capaz de cultuar potencialmente qualquer coisa que julgasse apropriada e vantajosa, pois é assim que o ser humano, em Adão, é. Sendo assim, por que eles não transformariam o túmulo de seu primeiro e maior líder em um templo a ele consagrado? Alguém se arriscaria a colocar a mão no fogo por eles?

²³ NUNES JUNIOR, Ario Borges. *Relíquia : o destino do corpo da tradição cristã*. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 2013, p. 62.

O poder e a glória do Senhor se manifestaram de maneira tão grandiosa e notória na vida de Moisés, a tal ponto disso ser capaz de criar um abominável culto idolátrico em torno de seu túmulo e de sua pessoa, que os três versículos que encerram o principal conjunto de livros dos israelitas (a Torá ou Pentateuco), assim atestam:

E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o SENHOR houvesse tratado face a face, no tocante a todos os sinais e maravilhas que, por mando do SENHOR, fez na terra do Egito, a Faraó, a todos os seus oficiais e a toda a sua terra; e no tocante a todas as obras de sua poderosa mão e aos grandes e terríveis feitos que *operou Moisés à vista de todo o Israel* (Dt 34.10-12).

Em todo o Antigo Testamento, **somente** Moisés recebeu tal testemunho. Dessa maneira, é indubitável que, para a maioria do povo, ele *era* um homem “poderoso” e, portanto, distinto e em muito “superior” aos demais, uma espécie de semideus ou herói grego do tipo Hércules, Teseu, Aquiles, dotado de força que fazia com que Israel sobrepusesse as demais nações. “Se *Moisés* está conosco, então ninguém poderá nos resistir! Vamos destruir os cananeus!”, talvez pensassem. Se fizéssemos um concurso para eleger “o personagem do Antigo Testamento”, com certeza os israelitas concederiam esse título, unanimemente, a Moisés.²⁴

²⁴ Muito provavelmente, essa equivocada confiança que os israelitas depositavam em Moisés explique estas palavras de encorajamento que o Senhor deu a Josué, após este receber a notícia de que seu mentor havia morrido: “Moisés, meu servo, é morto... Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida; *como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei, nem te desampararei*. Sê forte e corajoso, porque tu farás este povo herdar a terra que, *sob juramento*, prometi dar a seus pais... Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, *porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares*” (Js 1.2, 5, 6, 9). Em síntese, Deus disse a Josué que Moisés foi um homem como outro qualquer. O que o distinguiu dos demais, porém, foi a sua confiança no Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Foi esse Deus quem havia realizado todas aquelas obras grandiosas, e não Moisés, por si mesmo. Ao ouvir palavras de encorajamento como essas, naquele momento de luto, por meio das quais o Todo-Poderoso deixou claro que toda a confiança deveria ser depositada unicamente nele, e não em Moisés ou em qualquer outro homem, Josué perdeu absolutamente qualquer tipo de temor

Entretanto, tal reconhecimento público nunca afetou o ego do humilde e manso servo do Senhor (Nm 12.3). Moisés jamais deixou-se ser seduzido pelos aplausos do povo o qual liderava, do contrário seguramente teria se corrompido. Ele conhecia, muito bem, a incredulidade e a inconstância daquelas milhões de mãos que o aplaudiam: se num momento elas o acariciavam, noutra seriam capazes de apedrejá-lo, sem dó nem piedade, por causa de um simples copo de água (Êx 17.1-7). Sendo assim, no dia de sua morte, tanto ele quanto o Senhor disseram acerca dos israelitas:

Disse o SENHOR a Moisés: Eis que estás para dormir com teus pais; e este povo se levantará, e se prostituirá, indo após deuses estranhos na terra para cujo meio vai, e me deixará, e anulará a aliança que fiz com ele... Porque conheço a tua rebeldia e a tua dura cerviz. Pois, se, vivendo eu [Moisés], ainda hoje, convosco, sois rebeldes contra o SENHOR, quanto mais depois da minha morte? [...] Porque sei que, depois da minha morte, por certo, procedereis corruptamente e vos desviareis do caminho que vos tenho ordenado; então, este mal vos alcançará nos últimos dias, porque fareis mal perante o SENHOR, provocando-o à ira com as obras das vossas mãos (Dt 31.16, 27, 29).

Se o próprio Senhor, o único que sonda os corações, não confiava nos israelitas, então Moisés ousaria confiar? Ora, com a experiência de um homem de cento e vinte anos, prestes a se despedir deste mundo, Moisés poderia ser qualquer coisa, menos tolo: apesar de Deus ter realizado todos aqueles “sinais e maravilhas” jamais vistos, ter libertado o Seu povo escolhido, e ter-lhe dado a Sua Lei, ele sabia, muito bem, com que tipo de gente estava lidando durante todos aqueles anos. Se os israelitas já haviam pecado gravemente contra o Senhor enquanto ele estava vivo, certamente fariam coisas piores tão logo morresse. Seriam

e/ou dúvida que talvez existisse em seu coração acerca do que viria pela frente nas batalhas para ingressar na terra que o próprio Deus prometera aos patriarcas. O Senhor seria com ele assim como havia sido com Moisés!

www.imortalidadedaalma.com

capazes, inclusive, de cometer (como de fato sempre o fizeram) o pior dos pecados: trocar o Deus único e verdadeiro pelos falsos deuses dos cananitas.

Dessa maneira, se os israelitas — sempre propensos à idolatria, como o Antigo Testamento sobejamente o comprova — tivessem sepultado Moisés, então antes mesmo que seu corpo esfriasse eles já teriam transformado o seu sepulcro num sítio sagrado de culto idolátrico, uma espécie de “Aparecida do Norte” ou “Meca” para onde afluiriam peregrinos israelitas de todos os lugares e épocas para prestar culto ao “deus-Moisés” na esperança de alcançar dele alguma bênção. A fim de evitar esse pecado e seus desdobramentos, o próprio Senhor providenciou, por meio de Miguel, o sepultamento de Seu fiel ministro num local completamente desconhecido (Dt 34.6).

O diabo, entretanto, pretendia que os israelitas tomassem o corpo de Moisés e, assim, pecassem contra Deus ao idolatrá-lo. Orígenes (185-254 d.C.), que teve acesso, na íntegra, à obra judaica apócrifa *Assunção de Moisés*²⁵, da qual o apóstolo Judas extraiu essa história da contenda entre Miguel e o diabo e, em seguida, inseriu-a em sua carta, corrobora isso que estamos afirmando:

Vejamos agora como é que, nas Escrituras, se diz que as potências adversárias e o *próprio diabo* combatem o gênero humano, *provocando-o e incitando-o ao pecado*. Em primeiro lugar, no livro do Gênesis, se relata que a serpente seduziu Eva; no livro da Ascensão de Moisés, que o apóstolo Judas menciona na sua Carta (Jd 1, 9), o arcanjo Miguel diz, *quando disputa com o diabo acerca do corpo de Moisés, que essa serpente, inspirada pelo diabo, foi a causa da prevaricação de Adão e Eva...* Do Antigo Testamento, é o que até agora se apresentou à nossa memória, afirmando que há poderes contrários mencionados nas

²⁵ Segundo os eruditos, a *Assunção de Moisés* foi composta nalgum ponto dentro do período que vai do ano 3 a.C até o ano 30 d.C., em Israel. A obra completa, escrita em hebraico ou aramaico, já não existe mais, mas apenas fragmentos de traduções dela. Para quem tiver interesse em adquirir, gratuitamente, o livro *The Assumption of Moses* (Adam e Charles Black, Londres, 1897), que contém comentários e os fragmentos em latim e grego da obra *Assunção de Moisés*, favor solicitar ao proprietário deste site.

Escrituras, que *eles se opõem ao gênero humano* e que finalmente serão punidos (*Sobre os princípios*, 3. 2; *itálicos são nossos*).

Ao citar em seu livro casos do Antigo Testamento em que “potências adversárias e o próprio diabo combatem o gênero humano, *provocando-o e incitando-o ao pecado*”, Orígenes fez menção à conhecida obra *Assunção de Moisés*, afirmando que o arcanjo Miguel, durante a “disputa [que teve] com o diabo acerca do corpo de Moisés”, disse-lhe que ele “foi a causa da prevaricação de Adão e Eva”. Conforme Orígenes, estava escrito nessa obra judaica que o diabo, ao pelejar contra Miguel, pretendia usar o “corpo de Moisés” para *provocar e incitar* pessoas (os israelitas) a *pecarem contra Deus*. Ora, essa citação que Orígenes fez em seu livro, dessa obra judaica, só vem a confirmar, ainda mais, a interpretação que estamos defendendo neste tópico: que o diabo, ao contender com Miguel, queria impedir que esse arcanjo sepultasse o cadáver de Moisés e, dessa maneira, fizesse com que os israelitas, ao sepultarem-no, pecassem contra o Senhor.²⁶ Tal tropeço atrairia a ira divina *justamente* naquele que talvez tenha sido o momento mais significativo de toda a história dos israelitas: quando eles já estavam prestes a ingressar, finalmente, na terra de Canaã, após saírem da escravidão no Egito e terem peregrinado pelo deserto por quarenta anos. Sabedor disso, o Senhor vedou-lhes qualquer contato com o “corpo de Moisés”. Acaso o leitor seria capaz de colocar a mão no fogo pelos israelitas, afirmando que eles cometeriam qualquer tipo de pecado, menos o de transformar Moisés numa divindade? Se Deus tivesse colocado a mão no fogo, seguramente lhes teria permitido realizar aquele sepultamento! Aquela gente (assim

²⁶ Como Judas e os seus leitores judeus-cristãos do primeiro século já conheciam, “de cor e salteado”, toda a história da contenda entre o arcanjo Miguel e o diabo, inclusive qual tinha sido a intenção do príncipe das trevas com respeito ao “corpo de Moisés”, então o apóstolo não precisou recontá-la, inteiramente, em sua breve e urgente carta, mas apenas *citá-la*. Para que desperdiçar tempo recontando toda uma história para quem já a conhece completamente? Desse modo, a simples menção àquela contenda, sem detalhe algum, era mais que suficiente para que os leitores a preenchessem com o pano de fundo e os pormenores que já eram conhecidos por qualquer judeu ou cristão do primeiro século e, também, dos dias de Orígenes.

como qualquer um de nós, cristãos, caso nos deixemos ser guiados pela carne) era capaz de fazer, como costumamos dizer, “coisas que até Deus duvida”!

Quando Jacó e sua família arrumaram as malas e mudaram-se para o Egito, eles eram, ao todo, umas setenta pessoas apenas, ou seja, uma “meia dúzia de gatos-pingados”. Contudo, após cerca de quatrocentos anos de permanência ali, multiplicando-se, nos dias do Êxodo já havia um povo, uma nação formada, que, segundo alguns estudiosos, já contava com cerca de dois a três milhões de indivíduos, os quais, por conta das políticas discriminatórias e restritivas cada vez mais rigorosas impostas pelo Estado Egípcio, estavam sendo reduzidos à subescravidão, tudo com o claro objetivo de exterminar boa parte deles e assimilar completamente a outra. (Se isso tivesse ocorrido, então *quem* herdaria a terra que Deus prometera aos patriarcas?) Para liderar a saída de tamanha multidão, Deus escolheu como primeiro líder de Seu povo justamente um hebreu fugitivo chamado “Moisés”. Este, após ter sido livrado da morte pelo Senhor, quando ainda contava com apenas três meses de vida, foi providencialmente criado, com todas as regalias, na luxuosa corte de Faraó até os seus quarenta anos, idade em que sua vida de “playboy egípcio” chegou ao fim. Após ter matado um egípcio que estava maltratando um de seus irmãos de sangue, o que fez com que Faraó pusesse a sua cabeça a prêmio, Moisés teve que abandonar tudo e fugir para a hostil e desértica região de Midiã, preferindo, assim, viver pelos próximos quarenta anos trabalhando arduamente como um humilde pastor de ovelhas a ter que gozar do ar-condicionado e conforto do palácio da impiedade:

Pela fé, Moisés, apenas nascido, foi ocultado por seus pais, durante três meses, porque viram que a criança era formosa; também não ficaram amedrontados pelo decreto do rei. Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado, porquanto considerou o opróbio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do

www.imortalidadedaalma.com

Egito, porque contemplava o galardão. Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível (Hb 11.24-27).

Se outrora Moisés conhecia apenas o luxo ilusório da corte egípcia, agora ele teria que experimentar o outro lado da vida, pois o “meio-ambiente” adequado aos homens e mulheres que andam pela fé nunca foi o dos palácios, mas, sim, o dos desertos, pelos quais eles peregrinam com os olhos fixos unicamente nas promessas de seu Deus. (O ar dos palácios, via de regra, com todo o seu conforto, faz muito mal à saúde espiritual dos crentes.) Em Midiã, Moisés começou a trabalhar, casou-se, gerou filhos, enfim, passou a levar uma vida como a da maioria dos seres humanos que levanta cedo e dorme tarde a fim de conseguir o tão difícil sustento. Porém, num belo dia, enquanto estava pastoreando as dóceis e obedientes ovelhinhas de seu sogro Jetro, eis que o Deus de Abraão, de Isaque, e de Jacó, Aquele que o havia livrado da morte oitenta anos antes, finalmente revelou-Se a ele, em meio a uma sarça ardente, e, a partir daí, a sua vidinha simples, porém tranquila, transformar-se-ia radicalmente, nunca mais seria a mesma. A partir daquele bendito encontro, Deus o chamava para pastorear um rebanho bem mais difícil de lidar. O restante dessa linda e inspiradora história de fé, todos já conhecem.

Após ter sido usado por Deus para retirar Israel do Egito, Moisés, o primeiro e maior líder hebreu da história, talvez tenha sido o homem que mais tenha lutado contra a idolatria no meio de um povo cujo caráter, maneira de pensar e, sobretudo, fé estavam começando a ser forjados conforme as diretrizes divinas. E não poderia ser diferente, pois os israelitas permaneceram no Egito por cerca de quatro séculos, imersos em uma civilização completamente pagã. Após tão longa convivência, nada mais natural e esperado que eles tivessem que passar, obrigatoriamente, no deserto, por uma espécie de “programa de discipulado” a fim de aprenderem a viver piedosamente. Ao lermos o Pentateuco, podemos fechar os

olhos e imaginar o disculpador Moisés bradando, com todas as suas forças, perante uma incontável multidão: “Meus irmãos israelitas, ouçam-me. Não existe outro Deus além do Senhor! Só há um Deus verdadeiro! As divindades dos cananeus, bem como Faraó, são falsos deuses! Jamais abandonem o Deus dos patriarcas, nem a Lei que Ele nos deixou!”

Caro leitor, tendo o resumo dessa história como pano de fundo, você não acha que seria muita ironia do destino se, após a morte de Moisés, Deus permitisse que os israelitas o transformassem num deus, a exemplo do que eles sempre viram os egípcios e os cananeus fazendo? Haveria ultraje maior para com o Deus de Israel e, também, para com o nome e a memória de Seu fiel servo, Moisés? Deus honrou a fé dos pais de Moisés ao ter salvado seu indefeso bebezinho da morte (Hb 11.23) e tê-lo introduzido na corte de Faraó para li permanecer até os quarenta anos de idade; depois, enviou-o ao deserto para ali viver até os oitenta, idade em que Deus finalmente revelou-Se a ele e usou-o para libertar, com mão poderosa, o Seu povo do Egito; em seguida, deu, por meio dele, Sua Lei a Israel; e, por fim, Moisés morre e é transformado, pelos seus liderados, num falso deus!? *Justamente* o primeiro e maior líder israelita de todos os tempos, o primeiro a ser usado por Deus para inculcar, gravar na mente de um povo em formação o conceito de *monoteísmo*, morreu e foi transformado pelos seus “alunos” numa divindade, a qual concorreria com o único e verdadeiro Deus!? Ora, há algo no final dessa história que não está batendo. Eis os comentários que egípcios e cananeus provavelmente fariam, ao som de muitas gargalhadas, quando soubessem de tão surpreendente notícia:

Ora, os hebreus não se orgulhavam tanto de crerem em *um único* Deus? Não foi isso o que o ‘grannnde’ líder deles, Moisés, sempre lhes ensinou enquanto vivia? Não foram eles, os israelitas, que sempre jogaram na nossa cara que os nossos deuses eram falsos? Moisés deu aqueles chamados “Dez Mandamentos” aos israelitas, sendo que logo o primeiro já diz: “Não terás

outros deuses diante de mim”. Agora, porém, eles transformaram Moisés, *justo ele*, num deus!? Eis aí, pois, o primeiro deus de sangue genuinamente hebreu! Josué, decerto, será o segundo! Vai entender essa gente!

Desse modo, ao ter impedido que os israelitas sepultassem o “corpo de Moisés”, Deus evitou que ocorressem pelo menos três problemas: (1) que os supersticiosos israelitas, ao passarem a cultuar o “deus-Moisés”, atraíssem o juízo divino bem no período mais crítico de sua história, o que atrasaria, novamente, a entrada deles na Terra Prometida; (2) que a reputação dEle e a de Moisés fossem motivo de completo escárnio entre os pagãos; (3) e que o sucessor de Moisés, Josué, tivesse uma grande dor de cabeça pela frente ao ter sua liderança — já anteriormente confirmada por Deus e por Moisés (Dt 31.7, 8, 14-23; 34.9, 10) — contestada pelos milhares de israelitas que insistissem em cultuar o “deus-Moisés”, o que poderia levar a uma crise social insustentável e, por fim, a um fratricídio de motivação religiosa com grande derramamento de sangue. A contenda entre Miguel e o diabo só surgiu por uma única razão: os israelitas. O “corpo de Moisés”, em si mesmo, evidentemente nunca possuiu valor ou poder algum: a questão toda girou em torno do que *os israelitas fariam com ele*. Se aquele “corpo” tivesse parado em suas incrédulas, volúveis e supersticiosas mãos, então esses três problemas que apontamos certamente teriam ocorrido. Deus, porém, ao ordenar que Miguel realizasse aquele sepultamento, evitou, de uma só vez, tudo isso. O plano de Satanás foi, mais uma vez, frustrado!

Se o Senhor tivesse deixado Moisés viver seus longos cento e vinte anos na corte de Faraó, assistindo em completa indiferença — pela enorme janela de sua alta e luxuosa suíte palaciana, comendo uvas reclinado numa confortável poltrona e cercado de belas escravas que, ao mesmo tempo em que o refrescavam abanando plumas de pavão, o alegravam com as suas agradáveis porém falsas carícias — ao seu povo ser exterminado, certamente ele teria recebido um funeral

digno de uma alta autoridade egípcia, com todas as honrarias humanas que a sua distinta condição o requeriam. Muito provavelmente, o seu corpo seria, ao estilo dos altos dignatários egípcios, embalsamado, posto num sarcófago ricamente ornamentado, e, por fim, diante dos falsos deuses Faraó, Rá, Anúbis, Osíris, etc. e seus sacerdotes, autoridades civis e militares, bem como de milhares de egípcios, sob aplausos, ganhado o seu espaço no célebre Vale dos Reis. Que final feliz, não é mesmo?

Porém, o Deus que sonda os corações não se impressiona, nem um pouco, com essas solenidades e honrarias humanas, as quais são, com raras exceções, apenas uma tentativa de esconder de Ele a maldade, a rebeldia e a hipocrisia (Is 1.10-17). O Senhor tinha um destino infinitamente mais glorioso para dar àquele bebezinho chorão e indefeso que um dia salvou às margens do Nilo, pois tudo aquilo que Ele faz com aqueles que O amam em sinceridade é perfeito e perfeitamente bom (Rm 8.28). De que valeria livrá-lo da morte e depois dar-lhe longevidade para gozar dos prazeres transitórios desta vida, se, ao final dela, após receber tão grandiosa e inesquecível despedida, ter sua alma precipitada, de cabeça para baixo, no Hades, para ali começar a primeira etapa de seu eterno sofrer? Jamais! Deus é perfeitamente bom para com todos aqueles que nEle creem e esperam. No dia de sua morte, o Senhor ordenou que ninguém menos que o arcanjo Miguel pegasse o seu corpo e o colocasse numa sepultura comum, aberta no solo, num lugar completamente desconhecido e esquecido, sem testemunhas e honrarias humanas, sem pranteadores contratados, sem sarcófago rica e finamente decorado, sem “salva de 21 tiros de canhões”, sem os discursos e aplausos enganosos deste mundo, etc. “Só” a presença do Altíssimo. Sem dúvida, o sepultamento de Moisés foi infinitamente mais belo, sublime e honroso que o do maior Faraó ou soberano que já tenha pisado ou pisará esta Terra. Se o arcanjo Miguel tivesse que colocar uma lápide sobre a sepultura de Moisés, muito provavelmente nela seriam inscritas as palavras que jamais saíram de

seu coração e que moveram toda a sua vida: “Só o SENHOR é Deus!” Moisés honrou o seu Deus enquanto viveu, e Este, em contrapartida, honrou-o até depois de sua morte, impedindo que os sempre incrédulos e supersticiosos israelitas não apenas expusessem o seu nome e a sua memória a tamanho opróbrio entre os gentios, mas, também, atraíssem a ira divina sobre si mesmos e dificultassem a transição da liderança para o fiel e justo Josué (Dt 34.9; Js 1.10-18).

Se Moisés ressuscitou, então por que *ninguém testemunhou esse milagre? “Quem mata a cobra, tem que mostrar o pau!”*

Caro leitor, você sabia que todos os casos de ressurreições (ou, para ser mais exato, “vivificações”) registrados na Bíblia, sem uma única exceção, foram **testemunhados por seres humanos**? Eis a lista de todos os casos: o filho da viúva de Sarepta (1Rs 17.21, 22), o filho da sunamita (2Rs 4.32-35), o moabita lançado sobre os ossos de Eliseu (2Rs 13.20, 21), a filha de Jairo (Mt 9.18-26; Mc 5.21-24, 35-43; Lc 8.40-42, 49-56), o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17), Lázaro (Jo 11), Tabita/Dorcas (At 9.36-42), Êutico (At 20.8-10), os santos do Antigo Testamento que saíram dos sepulcros após a ressurreição de Jesus (Mt 27.52, 53), e o caso ímpar de nosso Senhor. Deus não ressuscitou nenhuma dessas pessoas na calada da noite, na surdina, de modo que absolutamente ninguém testemunhasse tais milagres. Por uma razão óbvia, os que foram ressuscitados retornaram ao convívio social do qual haviam sido retirados anteriormente. Lázaro, por exemplo, não foi chamado para fora daquele sepulcro para, em seguida, viver completamente incógnito até o dia em que morresse novamente, porém retornou, imediatamente, ao aconchego familiar, servindo, desse modo, como prova da manifestação da “glória de Deus” entre os homens através de Seu Filho bendito (Jo 11.40).

Em todos esses milagres de ressurreições (assim como nos demais milagres, de outra natureza), a Providência fez questão que houvesse testemunhas humanas, pois isso seria uma maneira de *revelar* (e não esconder) Seu poder, glória e graça aos homens. Nada ficou oculto, mesmo porque *a própria natureza e a razão de ser e existir* dos milagres e/ou sinais reside na necessidade deles serem revelados, mostrados às pessoas.

Também merece destaque o fato de que Deus jamais ressuscitou uma pessoa de maneira completamente oculta, secreta, mas tenha finalmente “revelado” tal milagre aos homens *somente séculos depois*, por meio de “visões”, “revelações” ou “sonhos” concedidos a algum líder religioso, ou por alguma mensagem trazida por algum anjo. Assim que fulano era ressuscitado, ele *imediatamente* era apresentado aos indivíduos de seu círculo social que o tinham visto morrer, para que estes testemunhassem, com os sentidos naturais, o milagre.

No entanto, parece que, no caso de Moisés, “estranhamente” encontramos a *única* exceção na Bíblia, pois absolutamente nenhum ser humano testemunhou a sua ressurreição e ascensão ao Céu. Nem mesmo a sepultura vazia dele foi encontrada, pois o próprio arcanjo Miguel fez questão de escondê-la, para sempre, dos israelitas (Dt 34.6), destruindo, assim, “a prova” material do milagre realizado. (Se, no Código Penal Brasileiro, a “destruição de provas” é um crime [art. 305], que dirá, então, quando o assunto é “ressurreição”!? Um autêntico “crime de fé”, ou “crime teológico”!) Deus ressuscitou todas aquelas pessoas às quais nos referimos acima e, em seguida, apresentou-as, imediatamente, ao público como provas, evidências do que Ele havia acabado de realizar. Miguel, porém, após ter feito o **primeiro** milagre de ressurreição da história da humanidade, em que um homem (Moisés) saiu da sepultura num corpo glorificado, antes mesmo que seu corpo visse a corrupção, sendo conduzido ao Céu, “misteriosamente” fez de tudo para esconder as evidências desse não apenas inédito, mas também representativo milagre que ele mesmo havia operado. A Bíblia diz, claramente, que Enoque e Elias não morreram, mas foram arrebatados ao Céu (Gn 5.24; Hb 11.5; 2Rs 2.1-18), bem como diz que nosso Senhor, após ter vencido a morte, também ascendeu ao Céu. Moisés, porém, foi o único homem que teria ascendido ao Céu sem que absolutamente ninguém tivesse testemunhado!? A absoluta ausência de qualquer uma dessas provas é a *única prova* que os adventistas têm para defender que Moisés

subiu às alturas. Sinceramente, o leitor não acha tudo isso muito estranho?²⁷ (Na Conclusão deste estudo, voltaremos a tratar da importância fundamental, decisiva que as *testemunhas* ocupam no que concerne aos milagres de ressurreições.)

Se os adventistas estão convictos de que Moisés de fato ascendeu ao Céu, apesar de absolutamente nenhum ser humano ter testemunhado isso, então será que eles possuem alguma autoridade para questionar as ascensões de Nossa Senhora e Maomé? Se EGW tivesse ido com outros adventistas até o pé de uma alta montanha e, em seguida, lhes dissesse: “Fiquem aqui embaixo, pois subirei, sozinha, até o pico desta montanha, para orar a Deus por algumas horas”, porém lá em cima ela tropeçasse e caísse dentro de um buraco de vinte metros de profundidade, vindo a falecer, de modo que seu corpo nunca fosse localizado, muito provavelmente os adventistas passariam a acreditar que ela havia ascendido ao Céu.

²⁷ A teoria da ressurreição e ascensão *secretas* de Moisés assemelha-se à espúria doutrina ensinada pelas Testemunhas de Jeová sobre o “retorno *invisível*” de Cristo, o qual teria ocorrido em 1914, ano marcado para que Ele retornasse corpórea e publicamente para destruir o “atual sistema iníquo” e começasse a reinar aqui na Terra. (Porém, esqueceram-se de que a agenda divina é bem diferente da humana.) Como Jesus não voltou na data e maneira anunciadas, então a arrogante (ainda está para nascer o herege que não traga em si, como uma espécie de “sinal de Caim”, a sua característica mais marcante: a arrogância) e ímpia liderança da seita, para não admitir o seu fracasso profético, ensina, até hoje, que Jesus começou, sim, a reinar em 1914, mas não aqui na Terra, mas “no Céu”. Tal reinado, diz o Corpo Governante, só pode ser contemplado pelos “olhos da fé”. Na ausência da prova material, palpável, visível, apelou-se, astuta e desonestamente, para a “prova *invisível*”, pois nesse campo absolutamente tudo é possível. Os fundadores da seita devem ter aprendido esse ardil com os primeiros adventistas: como não houve a evidência material do retorno corpóreo e público de Jesus marcado para os anos de 1843 e, depois, 1844, criou-se, então, a doutrina do *Santuário Celestial*, segundo a qual Cristo teria passado, no dia 22 de outubro de 1844 (só faltou indicarem as horas e os minutos), de “maneira *invisível*”, do Lugar Santo para o Santíssimo Lugar, local em que Ele Se encontraria, atualmente, realizando um tal “juízo investigativo”. A doutrina da ressurreição e ascensão *secretas* de Moisés também segue essa mesma lógica e intenção: como *ninguém viu* a sepultura vazia dele, nem seu corpo ressurreto ascendo ao Céu, então recorreu-se, como sempre, ao elemento invisível, secreto, que, no caso, são as declarações, visões, sonhos e revelações de EGW, baseadas em sua autoridade profética: se ela disse que essas coisas aconteceram, então é por que elas realmente aconteceram. Nunca muda: sempre que os falsos profetas não conseguem provas para sustentarem seus devaneios doutrinários, eles recorrem ao elemento secreto, invisível. Afinal, *tudo é possível ao que crê*.

O fato de o próprio Senhor ter escondido a sepultura de Moisés, de modo que os israelitas jamais entrassem em contato com o cadáver dele que nela repousava, aliado ao fato de inexistirem testemunhas que tenham visto não apenas a sepultura vazia dele, mas, acima de tudo, o seu corpo ressurreto, só confirma uma única coisa: que Moisés jamais ressuscitou! Seria uma completa insensatez (até desonestidade) concluirmos, à luz dessa absoluta ausência de provas, que Moisés ressuscitou e subiu ao Céu. O “arcanjo *Jesus*” fez questão de deixar aos homens provas, evidências de sua morte, ressurreição e ascensão ao Céu. Por que ele não fez o mesmo com Moisés, para, assim, evitar estudos como este?

A única pessoa na face da Terra que “viu” o corpo ressurreto de Moisés subindo às alturas, bem como a sepultura vazia dele, foi EGW, mas não por meio da visão natural, mas, sim, mediante as visões, revelações e sonhos que ela disse ter recebido de Deus. Após ressuscitar Moisés e apagar todos os vestígios desse milagre, Miguel inventou um ditado que muito tempo depois se tornaria bastante conhecido, mas com uma ligeira diferença: “Eu mato a cobra; porém, **não** mostro o pau!” Ele deixou tal tarefa para EGW.

Cronologicamente falando, Jesus foi o *primeiro* homem a ressuscitar num corpo glorificado, para nunca mais morrer

Outro obstáculo ao uso que EGW fez de Judas 9 é o fato de existirem passagens bíblicas declarando que Jesus foi (e é), cronologicamente falando, o *primeiro* homem a vencer, de uma vez por todas, a morte, ressurgindo dentre os mortos num corpo glorificado e imortal:

Isto é, que o Cristo devia padecer e, *sendo o primeiro* [gr. *protos*] da *ressurreição dos mortos*, anunciaria a luz ao povo e aos gentios (At 26.23).

Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele *as primícias* [gr. *aparche*] *dos que dormem* (1Co 15.20).

Ele [Cristo] é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o *princípio* [gr. *arche*], o *primogênito* [gr. *prototokos*] *de entre os mortos*, para em todas as coisas ter a primazia (Cl 1.18).

e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o *Primogênito* [gr. *prototokos*] *dos mortos* e o Soberano dos reis da terra (Ap 1.5).

Conforme esses versículos, Jesus foi o *primeiro* (e o único) homem a passar por uma ressurreição no sentido pleno do termo, cumprindo, assim, o que fora profetizado nas Escrituras (Sl 16.9, 10). Essa ressurreição ímpar era condição essencial para Seu reconhecimento como Senhor e Cristo (At 2.24-36), e, a fim de que não restasse dúvida alguma sobre a singularidade desse milagre, os autores bíblicos lançaram mão de diferentes vocábulos: “primeiro [gr. *protos*]”, “primícias [gr. *aparche*]”, “princípio [gr. *arche*]” e “primogênito [gr. *prototokos*]”. Se esses vocábulos são usados *somente* para a ressurreição de Cristo — porém *nunca* para as outras ressurreições relatadas na Bíblia, nem tampouco para a falsa ressurreição de Moisés — então é totalmente descabido afirmar que Moisés tenha passado por uma ressurreição plena *antes* de Jesus. Que sentido haveria em aplicar esses quatro termos

www.imortalidadedaalma.com

gregos *apenas* à ressurreição do Senhor, quando, na realidade, Ele teria sido o *segundo* a passar por uma ressurreição dessa natureza?

Portanto, o emprego dessas quatro palavras só faz sentido se entendermos que o milagre por que Jesus passou foi sem precedentes na história da humanidade. Se esses vocábulos, juntos, não são claros e suficientes para nos comunicar que Jesus foi (e é) o primeiro, cronologicamente falando, a passar por uma ressurreição no sentido pleno do termo, então pensamos que os escritores bíblicos, caso quisessem nos ensinar essa verdade, não encontrariam mais palavras na língua grega para tal.

Há, no entanto, apologistas adventistas que, procurando anular a incômoda conclusão de que Moisés, por ter sido o primeiro a ressuscitar num corpo glorificado, tenha alguma primazia sobre Jesus, conseguem apodrecer, ainda mais, o fruto recebido de EGW. Eles argumentam que a permanência do Moisés glorificado e imortal no Céu estava *condicionada* à posterior ressurreição de Cristo, a qual teria sido infinitamente mais importante que a daquele líder israelita.

O impasse ocorrido entre Miguel e Satanás foi a respeito da **legalidade** da ressurreição de Moisés... Satanás, tendo como pretexto inclusive o pecado do profeta em Números 20:8-12 (veja também Dt 32:50-51), desejava confiná-lo ao seu domínio, de modo que o **direito legal de ressuscitar Moisés** estava sendo questionado pelo demônio. Afinal, **Jesus ainda não havia pago o preço pelo resgate do pecador na cruz** “tendo despojado os principados e potestades” exibindo-os “publicamente” e triunfado sobre eles “na mesma cruz” (Cl 2:15). O Diabo tinha uma base legal para sua reclamação, porém ainda não tinha visto que Cristo tinha uma base muito maior do que ele: Seu próprio sangue derramado na cruz (Rm 5:7-8; 2Co 5:18-21). [...] [cremos que Moisés foi ressuscitado, mas poderia tornar a morrer se Cristo no Getsêmani desistisse]. [...] Portanto... o Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia explica que Cristo é as primícias dos que dormem não no sentido

cronológico, mas de importância: é só por causa da ressurreição dEle que todas as pessoas puderam e poderão ser ressuscitadas. [...] Satanás tinha um argumento legal para dizer que Moisés não merecia ser ressuscitado porque ele era pecador (veja Êx 2:12 e Dt 32:51). Porém, ao Cristo desejar que Deus Pai repreendesse Satanás em relação a esse aspecto judicial (Jd 1:9), Ele estava levando Moisés para o Céu com um tipo de “cheque pré-datado”, que foi totalmente pago na cruz (Cl 2:15). [...] Moisés subiu ao Céu com uma espécie de cheque pré-datado, que foi pago por Cristo na cruz. Se Cristo tivesse desistido de morrer naquele momento em que se angustiou no jardim do Getsêmani, Enoque, Moisés e Elias teriam de descer do Céu, pois ninguém pode estar lá sem o pagamento da dívida pelo pecado realizado por Jesus na cruz. Veja que a glorificação de Moisés em nada afeta a doutrina cristã de que só através de Jesus podemos ser glorificados. Deus apenas decidiu dar a vida eterna para seu filho Moisés antes da cruz, mesmo que a vida eterna dele só pudesse ser concretizada no calvário. Portanto, Cristo é **primícias dos mortos, o principal dentre eles, pois dEle depende a glorificação de todos – seja antes ou durante a glorificação coletiva**, que ocorrerá por ocasião da 2ª Vinda dEle (1Co 15; 1Ts 4:13-18)²⁸ (excetuando-se a última palavra sublinhada, as demais são nossas)

Noutras palavras, o que eles estão dizendo é que o arcanjo Miguel, após ter retirado Moisés de uma sepultura imunda e cheia de vermes, em seguida fez com que ele se mudasse, literalmente “com uma mão na frente e outra atrás”, para uma bela, luxuosa e confortável mansão no Céu, para, assim, passar a desfrutar de um “altíssimo” padrão de “vida”. Entretanto, como Moisés era igual ao autor deste estudo, não tendo onde cair morto, então ficou combinado entre eles que esse arcanjo é quem arcaria com todas as despesas para a aquisição do referido imóvel, o qual, após ser pago, à vista, num futuro bem longínquo, seria dado, gratuita e

²⁸ QUADROS, Leandro. Porque você deve crer na ressurreição de Moisés : *Evidências bíblicas e extrabíblicas de que Moisés e Elias apareceram em corpo no Monte da Transfiguração*, pgs. 11, 36, 37, 41, 64, 107, 108). Disponível em: http://cursosdabiblia.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Ebook_Moisés_finalizado.pdf. Acesso em: 25 de junho de 2019.

definitivamente, a Moisés. Para mostrar-lhe que cumpriria sua promessa, Miguel deu-lhe, como garantia, um “cheque pré-datado”, o qual deveria ser descontado somente milhares de anos depois, pois, conforme esse arcanjo, sua “conta corrente”, naquele momento, encontrava-se sem saldo algum. O “dinheiro” para cobrir o cheque seria obtido com o precioso sangue que ele, Miguel, derramaria na cruz do calvário em favor de todos aqueles que nele cressem, incluindo, obviamente, Moisés, seu simpático e idoso vizinho de parede Enoque, e o profeta Elias, cuja mansão já estava pronta, apenas aguardando a sua chegada.

No entanto, nem tudo é perfeito no “Céu adventista”: se, por um lado, Miguel deu a Moisés o dito “cheque pré-datado” como garantia, por outro lado deixou-lhe um perturbador aviso acerca do pagamento da mansão, o qual corria o risco de não ser efetuado como prometido. “Por quê?”, legitimamente perguntou-lhe Moisés. “Imprevistos sempre acontecem”, respondeu-lhe. Evidentemente, tal resposta impediu que o glorificado e imortal Moisés desfrutasse plena paz e santo gozo celestiais por cerca de mil e quatrocentos anos, pois, afinal, durante todo esse tempo ele foi obrigado a conviver com a inquietante ideia de que, caso Miguel tivesse algum imprevisto, então ele seria obrigado a abandonar a sua luxuosa mansão e retornar à sua anterior moradia, aqui na Terra, onde todos nós, pobres e infelizes mortais, nascemos, crescemos, trabalhamos, casamos, geramos filhos, envelhecemos, morremos, e, derradeiramente, ganhamos um merecido “cobertor de terra” sobre nossos corpos. Veja, logo abaixo, alguns detalhes desse preocupante aviso e, sobretudo, suas horríveis consequências, para Moisés, caso o referido arcanjo ressuscitador de gente não tivesse conseguido honrar a sua palavra:

Se houvesse algum “imprevisto” no plano de redenção arquitetado por Deus na eternidade (e imprevistos sempre ocorrem, sem dúvida, ainda mais nos planos do Deus onisciente), de modo que ele, Miguel, desistisse de ir para cruz, ou, então, nela morresse mas não fosse ressuscitado depois, aí então

Moisés (bem como Enoque e Elias), que já estaria residindo tranquila e gratuitamente em sua mansão, deveria ser imediatamente “despejado”, pois Miguel, tal qual o famoso Seu Madruga, não teria “dinheiro” para comprar o imóvel e, assim, cumprir a promessa de dar-lhe. Em caso de calote, a execução dessa, digamos, “ação de despejo celestial”, ajuizada pelo Sr. Barriga (o diabo), obrigaria Moisés (bem como os seus dois vizinhos) a fazer uma brusca mudança em seu padrão de “vida”, o qual “cairia” absurdamente: de um estado de exaltação, ele, em completa e pública humilhação, literalmente com apenas “uma mão na frente e outra atrás” (pois no Céu as pessoas não usam roupas!), teria de deixar o seu nobre e badalado endereço e descer à Terra para retornar ao seu antigo e miserável lar (a sepultura), o qual situava-se num endereço completamente ignorado e esquecido dos homens, do qual o Seu Madruga (“o caloteiro”) o havia retirado milhares de anos antes após ter contendido duramente, na Justiça, com o Sr. Barriga. Só para lembrar: na referida contenda, o gorducho malvado e mão-de-vaca, exigindo os seus direitos perante o Juiz, alegava, com base na *igualdade de todos os homens perante Deus*, que Moisés deveria morar aqui na Terra e sob a terra (na sepultura), do mesmo jeito que acontece com todos os demais seres humanos, pois, afinal, sintetizava ele na conclusão de sua bem fundamentada petição: “Todos os homens são iguais diante de Deus. Não há um justo sequer, nenhum! Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus!” O Seu Madruga (Miguel), porém, contra-argumentava baseando-se unicamente nas *boas obras* que Moisés, “o homem da Lei”, possuía perante Deus, as quais o distinguiam dos demais seres humanos: “O Senhor Deus, por meio de Moisés, deu a Sua santa Lei a Israel, com os seus cerca de 613 preceitos para serem rigorosamente observados. Moisés guardou-os, todos, sem transgredir um único ponto, sobretudo o santo e eterno mandamento do sábado. Portanto, ele *tem méritos diante de Deus*, razão pela qual ele *merece* ir morar no Céu, ao contrário dos demais homens, os quais são todos pecadores amaldiçoados que não só violam o sábado e comem carne de porco, mas, também, bebem café e Coca-Cola. Moisés não se encaixa neste: ‘Não há um justo sequer, nenhum’. Há, sim, um justo: Moisés!” Diante desse impasse, o juiz de primeira instância julgou a controvérsia e, acolhendo a tese das boas

www.imortalidadedaalma.com

obras, dos méritos pessoais, deu razão ao magricela: Moisés pôde mudar-se para o Céu, trazendo atrás de si uma fila incontável de enormes carruagens de fogo, conduzidas pelos muitos anjos que o acompanharam, as quais encontravam-se abarrotadas com a sua “bagagem”, as suas boas obras. O gorducho, porém, insatisfeito, fez uso de seu direito legal e *recorreu* da sentença, o que fez com que a situação de Moisés, no Céu, ficasse em suspenso. E, após mais de mil anos, o moroso Supremo Tribunal Celestial finalmente julgou o seu recurso, porém confirmou, ratificou a sentença de primeiro grau: Moisés ganhou a posse, definitiva, da mansão!

Após ter morado por cerca de mil e quatrocentos anos em sua mansão, finalmente chegou o dia do preocupado e pensativo Moisés, com o “cheque pré-datado” em mãos, ir ao Banco Celestial descontá-lo. “Será que há saldo suficiente?”, pensava consigo mesmo, na fila (tendo o mais idoso Enoque à sua frente, e o jovem Elias atrás, cada qual com o seu “cheque pré-datado” em mãos), pois, afinal, ele sempre soube que sua permanência no Céu estava completamente condicionada à fidelidade de Miguel em cumprir o compromisso assumido. “Sem problemas, Sr. Moisés! Há saldo mais que suficiente”. “Ufa!” Ainda bem que o arcanjo Miguel não falhou, do contrário o *glorificado* e *imortal* Moisés não apenas seria exposto, em pleno Céu, a tamanha humilhação, mas também teria que *morrer* novamente.

Nunca muda: as pessoas fundam suas seitas com base em ensinamentos malucos e destituídos de qualquer fundamentação bíblica, e, depois que morrem, deixam como herança aos seus fiéis, apaixonados e cegos seguidores não apenas o inferno para onde foram, mas, também, a difícil e muitas vezes constrangedora tarefa de encontrar argumentos para tentar defender, a qualquer custo, as heresias que receberam.

O “corpo de Moisés” viu, sim, a corrupção!

Em sua marcha para defender a ressurreição de Moisés e, dessa maneira, tentar provar que não foi o espírito dele que apareceu no Monte da Transfiguração, EGW acabou trazendo à luz um ensinamento bastante extravagante: o corpo de Moisés não teria visto a corrupção, ou seja, não teria apodrecido:

Moisés passou pela morte, mas Cristo desceu e lhe deu vida *antes que seu corpo visse a corrupção*. Satanás procurou reter o corpo, pretendendo-o como seu; *mas Miguel ressuscitou Moisés e levou-o ao Céu*. Satanás maldisse amargamente a Deus, acusando-O de injusto por permitir que sua presa lhe fosse tirada; Cristo, porém, não repreendeu a Seu adversário, embora fosse por sua tentação que o servo de Deus houvesse caído. Mansamente remeteu-o a Seu Pai, dizendo: "O Senhor te repreenda." Jud. 1:9.²⁹ (itálicos acrescentados)

Miguel, ou Cristo, com os anjos que sepultaram Moisés, desceram do Céu, depois de ter ele permanecido na sepultura um breve tempo, ressuscitaram-no e o levaram para o Céu. Quando Cristo e os anjos se aproximaram da sepultura, Satanás e seus anjos surgiram junto dela e ficaram a guardar o corpo de Moisés, para que não fosse removido. Quando Cristo e Seus anjos chegaram perto, Satanás resistiu a sua aproximação, mas foi compelido, pela glória e poder de Cristo e Seu anjos, a voltar atrás. Satanás reclamou o corpo de Moisés, *por causa de sua única transgressão*; porém Cristo o remeteu mansamente a Seu Pai, dizendo: "O Senhor te repreenda." Jud. 9... *Então Cristo ressuscitou o corpo de Moisés, que Satanás estivera requerendo. Por ocasião da transfiguração de Cristo, Moisés e Elias, que tinham sido trasladados, foram enviados para conversar com Cristo quanto a Seus*

²⁹ *Primeiros Escritos*, p. 164. Disponível em: <<http://www.ellenwhitebooks.com/>>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

*sofrimentos, e para serem os portadores da glória de Deus a Seu amado Filho.*³⁰ (os destaques são nossos)

Ao que tudo indica, EGW percebeu que, caso fosse defender (como alguns hereges atualmente o fazem [v. nota de rodapé nº 15]) que Moisés havia ressuscitado *poucos minutos* antes de falar com Jesus lá no Monte da Transfiguração, então ela teria pela frente a dificuldade com a questão da *recriação integral* do corpo dele. Sendo assim, ela achou, digamos, “mais sensato” afirmar que o “corpo de Moisés” foi ressuscitado por Miguel *poucas horas* após ter sido sepultado, antes mesmo que seus órgãos apodrecessem e desaparecessem por completo, pois aí Deus não precisaria recriá-los.

A seguir, cinco razões que nos fazem concluir que essa afirmação de EGW contradiz, frontalmente, aquilo que as Escrituras Sagradas ensinam.³¹ Em primeiro lugar, a Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos, não apenas é clara, mas também repetitiva em ensinar que *somente* o corpo de Cristo não viu a corrupção, como nestas três passagens a seguir:

O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita, não serei abalado. Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro. Pois não deixará a

³⁰ *História da Redenção*, pgs. 173, 174. Disponível em: <<http://www.ellenwhitebooks.com/>>. Acesso em: 16 de junho de 2019. Chama a atenção o fato de EGW declarar que, durante toda a sua vida, Moisés tenha cometido apenas uma “única transgressão”. Será que ela acreditava que ele havia nascido sem pecado algum?

³¹ Ao falar sobre o período em que o corpo de Moisés permaneceu na sepultura, EGW foi fiel à tradição daqueles conhecidos falsos profetas que, em meio a uma reunião na qual estão presentes centenas de pessoas, levantam-se e profetizam *vagamente*: “O Senhor está me mostrando que há, aqui, uma pessoa que morrerá *brevemente*”, sem, contudo, mencionarem o nome da pessoa que “morrerá”, tampouco a data precisa do cumprimento de tão macabra “profecia”. Qual foi a duração desse “breve tempo” mencionado por EGW? Quatro, doze, dezoito, vinte e quatro horas? Dois, três, quatro dias? Uma semana? Um mês? Enfim, se EGW tinha tanta certeza de que o “corpo de Moisés” ficou na sepultura por apenas “um breve tempo”, então por que ela foi tão vaga nessa afirmação? Caso fosse possível pressioná-la para ser mais exata, muito provavelmente responderia: “O corpo de Moisés permaneceu na sepultura por *três dias*: ele morreu numa quinta-feira, para ressuscitar numa bela e gloriosa madrugada de um *sábado!*”

minha alma na morte, *nem permitirás que o teu Santo veja corrupção* (Sl 16.8-10).

Cerca de mil anos antes de Cristo vir ao mundo, o rei Davi, nesse salmo messiânico, predisse que haveria um *sinal* para *identificá-Lo*, a saber: o corpo dEle não veria a corrupção, pois seria ressuscitado antes que esse processo se iniciasse. Agora, perceba, nos dois textos a seguir, como que os apóstolos Pedro e Paulo, respectivamente, ao verem esse “sinal”, não tiveram dúvida alguma de que essa profecia do salmo 16 havia encontrado o seu perfeito cumprimento em Jesus:

Porque a respeito dele diz Davi: Diante de mim via sempre ao Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado. Por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; além disso, também a minha própria carne repousará em esperança, porque não deixarás a minha alma na morte, *nem permitirás que o teu Santo veja corrupção...* ***Previendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo***, que nem foi deixado na morte, *nem o seu corpo experimentou corrupção* (At 2.25-27, 31).

E, que Deus o ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse: E cumprirei a vosso favor as santas e fiéis promessas feitas a Davi. Por isso, também diz em outro Salmo: Não permitirás que o teu Santo veja corrupção. Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu a corrupção. *Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção* (At 13.34-37).

Essas três passagens transcritas acima são as únicas, em toda a Bíblia, a fazerem menção a um corpo que não veria a corrupção, e, como vimos, as três se referem *apenas* ao corpo de Cristo; ou seja, apenas o corpo dEle permaneceu no sepulcro por “um breve tempo”. Porém, como harmonizar isso com a afirmação de EGW? Será que as declarações de Davi, Pedro e Paulo deixaram alguma brecha, por menor que fosse, para que ela declarasse que o corpo de Moisés não se

corrompeu? Ou será, então, que Moisés (e não Jesus) é o Cristo, pois, afinal, EGW apôs nele esse sinal identificador?

Em segundo lugar, será que o fato de Davi ter *predito* que o corpo de Cristo não veria a corrupção (Sl 16) já não *pressupunha* que, até os dias desse rei, os corpos de *todos* os seres humanos, inclusive o de Moisés, haviam apodrecido? Essa profecia não indicava que aquilo que ocorreria com o corpo de Cristo seria singular, sem precedentes na história humana? Ou seja, assim como Cristo seria o *primeiro* homem a ressuscitar (no sentido pleno desse termo), o Seu corpo também seria o *primeiro* a não ver a corrupção? Ou será que essa previsão não era novidade alguma para Davi e seus contemporâneos, pois, em seus dias, já seria público e notório que o “corpo de Moisés” já havia ressurgido dentre os mortos antes mesmo de ter visto a corrupção?

Em terceiro lugar, ao contrário do que afirma EGW, *o próprio Deus antecipou* a Moisés e aos israelitas que: (1) a morte dele seria igual à de qualquer outro homem, e que (2) o corpo dele permaneceria na sepultura, decompondo-se, assim como ocorre com os demais cadáveres. Acompanhe:

Depois, disse o SENHOR a Moisés: Sobe a este monte Abarim e vê a terra que dei aos filhos de Israel. E, tendo-a visto, então *serás recolhido também ao teu povo, assim como o foi teu irmão Arão* (Nm 27.12, 13).

Naquele mesmo dia, falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Sobe a este monte de Abarim, ao monte Nebo, que está na terra de Moabe, defronte de Jericó, e vê a terra de Canaã, que aos filhos de Israel dou em possessão. *E morrerás no monte, ao qual terás subido, e te recolherás ao teu povo, como Arão, teu irmão, morreu no monte Hor e se recolheu ao seu povo* (Dt 32.48-50).

Deus foi explícito ao dizer a Moisés que ele morreria e seria recolhido ao seu povo “assim como” acontecera com Arão. Ora, acaso essas palavras

www.imortalidadedaalma.com

chegam a sequer insinuar que Moisés morreria e seria sepultado, mas, ao contrário do que havia sucedido com Arão, seu corpo seria ressuscitado poucas horas depois, antes mesmo de apodrecer? Tais anúncios injetaram alguma alegria no coração dos israelitas, de modo a fazê-los acreditar que não seria necessário nenhum tipo de luto pela morte de Moisés que brevemente ocorreria, pois poucas horas após morrer e ser sepultado ele ressuscitaria e ascenderia ao Céu gloriosamente? (Nosso Senhor declarou aberta e antecipadamente que morreria, mas ressuscitaria três dias depois. Acaso Deus fez alguma declaração semelhante sobre/para Moisés?) Ou será, então, que os adventistas agora alegarão que Arão já havia ressuscitado, antes mesmo que seu corpo visse a corrupção, e, em seguida, ascendido ao Céu?

Em quarto lugar, a parte final do texto de Deuteronômio 34.6, tratando da localização da sepultura de Moisés, declara: “e ninguém soube até hoje o lugar da sua sepultura”.

1. A expressão “até hoje” refere-se ao dia em que o escritor sagrado estava escrevendo Deuteronômio 34.6. É incontroverso que esse registro só foi realizado algum tempo depois da morte de Moisés.³² Afinal, se aquele sepultamento tivesse sido feito, por exemplo, três dias antes desse trecho ter sido escrito, então não teria sentido o escritor bíblico dizer que “ninguém soube *até hoje* o lugar da sua sepultura”. A própria natureza da expressão “até hoje” já traz necessariamente implícita em si a ideia de que o dia do referido sepultamento, quando comparado ao momento em que o escritor estava escrevendo, já havia ocorrido há bastante tempo.

2. Essa “sepultura” à qual o escritor inspirado se referiu evidentemente *guardava o cadáver de Moisés*. Porém, se ele ressuscitou, então não haveria sentido o escritor

³² Era bastante comum que os escritores bíblicos, quando queriam se referir a eventos que já haviam ocorrido há bastante tempo, usassem a expressão “até [o dia de] hoje” (v. Gn 19.37, 38; 22.14; 26.33; 32.32; 35.20; 47.26; Js 5.9; 15.63; 1Sm 27.6; Mt 28.15, *etc.*).

declarar que ninguém sabia a localização de uma sepultura *vazia*. O fato de Deus ter *escondido* a sepultura de Moisés dos israelitas só faz sentido se o cadáver dele estivesse dentro dela, e não fora. A insensatez ascenderia até aos mais altos céus se acreditássemos que o Onisciente escondeu a sepultura vazia de Moisés dos israelitas a fim de que eles não cultuassem o cadáver dele que **não** estava mais dentro dela, pois ele havia ressuscitado e subido ao Céu! Se um pai continuar escondendo de seu filho um chocolate que ele (o pai) sabe que não existe mais, pois ele (o pai) o comeu, então ele está mentindo para o filho. “Papai, onde está aquele chocolate que eu vi em sua mão, ontem?” “Está escondido, meu filho, para que você não o encontre!”

Assim, se (1) o texto de Deuteronômio 34.6 foi escrito bem depois da morte de Moisés, e se (2) até o dia em que esse texto foi escrito ninguém sabia a localização da sepultura que guardava o corpo dele, então só podemos concluir que o corpo de Moisés viu, com certeza, a corrupção.

Em quinto lugar, veja como é, segundo os adventistas, a sequência de acontecimentos que culminaram, no final, com a morte as supostas ressurreição e ascensão de Moisés. O Senhor (1) falou antecipadamente a Moisés, e aos israelitas, *apenas* que ele morreria (e não que ele ressuscitaria) brevemente, (2) mandou-o subir, sozinho, ao cume do Monte Nebo, para ali morrer, (3) ordenou que os anjos abrissem um buraco no chão, num local completamente desconhecido dos israelitas, e, em seguida, lançassem o cadáver dele lá dentro, cobrindo-o com terra, (4) e, poucas horas depois, antes que seu corpo começasse a decompor-se, retirou-o, todo sujo, de dentro daquela cova e o conduziu ao Céu triunfantemente. Ora, caro leitor, isso faz sentido? Se o propósito de Deus, desde o início, era levar Moisés ao Céu, então por que Ele ainda precisou “matá-lo”? Por que Deus não o arrebatou diretamente ao Céu assim como fizera com Enoque milhares de anos antes, e séculos depois com Elias? Por que Moisés ainda precisou sentir o “gostinho” da morte, sendo lançado numa

condição de inexistência? Por que a sua face ainda precisou ser sujada pela terra, quando o destino dela, desde sempre, era ser iluminada pela glória celestial? Por que Deus “matou” e enterrou Moisés às dez horas da manhã de uma quinta-feira, por exemplo, para ressuscitá-lo poucas horas depois, no mesmo dia? Isso é razoável? Ou tudo não passou de um mero capricho divino? Será que os criativos seguidores de EGW já inventaram alguma explicação para isso?

Em nossa opinião, essa sequência só se reveste de um fim adequado e razoável se concluirmos que o objetivo de Deus era que o “corpo de Moisés” permanecesse naquela sepultura, decompondo-se inteiramente, até o dia em que Cristo retorne para ressuscitar todos os mortos. É completamente descabido acreditar que Deus, após ter feito tudo aquilo, tenha ressuscitado Moisés poucas horas depois de tê-lo sepultado.

A ignorância que leva a prantear por um “defunto vivo”

Depois de ficarem sabendo que Moisés havia morrido, é dito que:

Os filhos de Israel *prantearam Moisés por trinta dias*, na campinas de Moabe; então, se cumpriram os dias do pranto no luto por Moisés (Dt 34.8).

Se Moisés, após ter permanecido na sepultura somente por “um breve tempo”, ressuscitou e ascendeu ao Céu, então por que os israelitas o prantearam por “trinta dias”? Ora, tal período de luto só vem corroborar o que já estamos defendendo: que não existe uma só evidência de que Moisés tenha saído da sepultura algum dia, do contrário os israelitas jamais o teriam pranteado, antes, porém, teriam se regozijado. Se ao menos um israelita tivesse visto Moisés subindo às alturas, então aquele luto jamais teria acontecido, pois eles saberiam que o seu grande líder havia triunfado não apenas sobre Faraó, o inimigo mais poderoso dentre os homens, mas, também, sobre um inimigo infinitamente maior que ele: a morte. O pranto dos israelitas, portanto, só se explica porque todos eles estavam convictos de que Moisés estava definitivamente morto e enterrado.

Ademais, se Miguel ressuscitou Moisés e transportou-o ao Céu, então por que ele mesmo disse a Josué: “Moisés, meu servo, é morto” (Js 1.2), fazendo, dessa forma, com que os israelitas chorassem amargamente por todos aqueles dias? Seria Miguel mentiroso? Ou estava apenas brincando? Enfim, se foi brincadeira ou não, a verdade é que ele jamais retornou para dizer aos israelitas que Moisés havia ressurgido dentre os mortos e se mudado para o Céu. Resultado: enquanto aqueles israelitas prantearam por um “defunto vivo”, os seus descendentes religiosos se lembram com pesar, até hoje, todos os anos, a data da *morte* (e não da ressurreição) de Moisés, a qual dizem ter ocorrido no dia 7 de Adar!

A ignorância é uma desgraça, pois faz com que as pessoas sofram desnecessariamente por séculos e séculos.³³ Ainda bem que os apóstolos tinham provas, evidências mais que suficientes para acreditar que Jesus havia ressuscitado e ascendido ao Céu, do contrário todos nós (a começar por eles, os apóstolos), também, corríamos o risco de estarmos lembrando com pesar, até hoje, à toa, a data da morte de um “defunto vivo”.

³³ Quando os adventistas forem “evangelizar” os judeus atuais, eles deveriam lhes dar, como estratégia de aproximação, a maravilhosa e, acima de tudo, surpreendente notícia de que o seu primeiro e maior líder da história, Moisés, encontra-se vivo e glorificado, no Céu, pois Jesus (Miguel) o ressuscitou. Talvez essa notícia faça com que os judeus percebam que Jesus é infinitamente superior a Moisés e, assim, sejam mais simpáticos e receptivos ao “evangelho” pregado pelos adventistas.

Deus mandou o arcanjo Miguel sepultar o “corpo de Moisés”

Assim, Morreu ali Moisés, servo do SENHOR, na terra de Moabe, segundo a palavra do SENHOR. **Este o sepultou** num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém sabe, até hoje, o lugar da sua sepultura (Dt 34.5, 6).

Numa primeira leitura, muitos provavelmente concluirão (equivocadamente) que foi o próprio Senhor, *pessoalmente*, quem tomou o “corpo de Moisés”, abriu uma sepultura, e, em seguida, sepultou-o. Essa leitura, portanto, comprovaria não ter sido o arcanjo Miguel quem sepultou o cadáver de Moisés. Contudo, há duas razões pelas quais essa declaração de Deuteronômio 34.6 não pode ser entendida dessa maneira. Em primeiro lugar, tal entendimento parte do pressuposto de que Judas 9 não tem relação alguma com Deuteronômio 34.5, 6, o que não condiz com a realidade, como já demonstramos ao apresentar os *pontos em comum*, que associam o conteúdo dessas duas passagens (pgs. 16-22).

Em segundo lugar, em João 19.1 é dito: “Pilatos, pois, tomou então a Jesus, e o açoitou”. Ora, será que foi o *próprio Pilatos* quem açoitou, *pessoalmente*, nosso Senhor? Não, pois em Mateus 27.26 está escrito: “Então [Pilatos] soltou-lhes Barrabás, e, tendo mandado açoitá-lo a Jesus, entregou-o para ser crucificado”. Mais adiante, no mesmo capítulo, é-nos dito: “E Pilatos escreveu também um título, e pô-lo em cima da cruz; e nele estava escrito: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS” (v. 19). Acaso foi o *próprio Pilatos* quem escreveu, *pessoalmente*, aqueles dizeres numa tabuinha e, em seguida, pregou-a, *ele mesmo*, em cima da cruz? Não, certamente ele *mandou* algum de seus capachos fazer isso. E, ao ter sido o mandante desses dois atos, foi o mesmo que se o próprio Pilatos os tivesse realizado.

O mesmo se dá, a nosso ver, com a declaração de Deuteronômio 34.6. O Senhor revelou *Sua vontade de sepultar o corpo de Moisés* num local desconhecido dos israelitas; e em Judas 9 vemos essa vontade divina *sendo realizada pelo arcanjo Miguel* (o “Coveiro de Deus”, como alguns o apelidaram ao longo da história). Quando o Senhor manda os Seus servos (sejam eles anjos ou homens) realizarem alguma missão (destruição, levar alguma mensagem, operar algum milagre ou cura, etc.), e eles a realizam, é como se o próprio Senhor a tivesse realizado!

CONCLUSÃO

Já logo no terceiro capítulo do primeiro livro da Bíblia (Gn 3.19), encontramos a sentença divina de que, após a Queda, os corpos de todos os seres humanos teriam a sepultura como destino comum e certo, local em que seriam reduzidos aos elementos básicos dos quais foram formados (pgs. 1-7). É, portanto, à luz dessa *regra* que as Escrituras, como um todo, abordam a questão do destino de todos os corpos humanos. Quando a Bíblia nos apresenta as *exceções* a essa regra — como foi os casos de Enoque e Elias, os quais não passaram pela morte, e de nosso Senhor, O qual venceu-a, definitivamente — a Bíblia deixa isso bem claro, expresso. Não foi assim que aconteceu com a alegada ressurreição e ascensão de Moisés.

Como fizemos notar logo no início (pgs. 8-14), uma simples leitura de Judas 9, usando apenas o bom senso e a intuição, de acordo com o senso comum, desembocará, naturalmente, na conclusão de que o “corpo de Moisés” estava *insepulto* no momento em que Miguel e o diabo disputavam o destino (sepultamento) que lhe seria dado. Apenas uma leitura completamente preconcebida, suspeita e tendenciosa, maculada por pressupostos teológicos, denominacionais e pessoais, pode levar à teoria de que aquela contenda surgiu porque Miguel queria desenterrar aquele “corpo” por meio da ressurreição.

Ao chegarmos à parte mais importante deste estudo (pgs. 15-32), demonstramos que, quando aplicado da maneira adequada o princípio de que “a Bíblia interpreta a si mesma”, não temos outra alternativa senão interpretar Judas 9 à luz, apenas, do texto de Deuteronômio 34.5, 6 (pgs. 16-22). Os *pontos em comum* que vinculam o conteúdo de Judas 9 ao de Deuteronômio 34.5, 6 colocam a contenda entre Miguel e o diabo, pelo destino do “corpo de Moisés”, nos mesmos dia, local e horário da morte e sepultamento dele. Ao examinarmos o “material genético” dessas

duas passagens, na intenção de identificar algum grau de parentesco, de afinidade entre elas, restou comprovado, com cem por cento de certeza, que Judas 9 é, por assim dizer, “pai” de Deuteronômio 34.5, 6. Como os assuntos dessas duas passagens são comuns, afins, então só podemos considerá-las as duas faces da mesma moeda. Existe uma “força gravitacional temática” natural que faz com que os conteúdos desses dois textos se atraiam, convirjam.

No entanto, a maneira como os adventistas interpretam, ou melhor, *usam utilitariamente* Judas 9 apenas para satisfazer os seus próprios interesses teológicos suspeitos, lendo-o em conjunto com o relato da transfiguração, é completamente equivocada, pois não existe um único ponto em comum que ligue os conteúdos dessas duas passagens (pgs. 22-29). A não ser pelo simples desejo de tentar negar, antecipadamente, que foi o espírito do falecido Moisés que apareceu — pois isso é crucial para que a IASD sobreviva — não há qualquer fundamento metodológico-exegético para que Judas 9 seja interpretado à luz do incidente da transfiguração. O “DNA” de ambos é completamente incompatível, estranho.

Prosseguindo, vimos que o princípio de que “a Bíblia interpreta a si mesma”, quando aplicado adequadamente, ou seja, conforme os critérios da exegese bíblica, demonstra que a intenção do arcanjo Miguel, ao contender com o diabo pelo “corpo de Moisés”, era sepultá-lo (pgs. 29-32). Essa conclusão a qual chegamos, com base em tais critérios, harmoniza-se perfeitamente com o bom senso, a intuição e o senso comum. “O bom senso e a sã exegese andam juntos”.

Como desenvolvimento e sequência naturais do estudo, passamos a discutir a razão pela qual Deus impediu os israelitas de terem qualquer contato com o corpo de seu primeiro e maior líder de todos os tempos (pgs. 33-49). A fim de impedir que os supersticiosos israelitas seguissem uma prática pagã antiquíssima e universal e criassem ao redor do túmulo e da pessoa de Moisés um abominável

culto, transformando-o na primeira divindade de sangue hebreu, o Senhor ordenou que o arcanjo Miguel sepultasse o “corpo de Moisés” num local completamente desconhecido. O diabo, porém, sendo superior a esse arcanjo, apresentou-se para tentar impedi-lo de cumprir tal determinação, pois o seu desejo era que os próprios israelitas fizessem aquele sepultamento e, assim, pecassem contra Deus justamente no momento mais importante de sua trajetória histórica, quando já estavam prestes a entrar em Canaã. Seu intento maligno, evidentemente, foi frustrado. Ao ter feito tal proibição, Deus não apenas deixou o caminho aberto para que Josué liderasse o povo na conquista da Terra Prometida, mas, também, evitou que o Seu nome e a memória de Seu fiel servo, Moisés, fossem motivo de escárnio entre os pagãos.

Na sequência, argumentamos que a suposta ressurreição de Moisés vai diametralmente contra os demais casos de ressurreições relatados na Bíblia, os quais foram, todos, *testemunhados por pessoas* (pgs. 50-53). Assim como nenhum homem viu, tocou ou sepultou o cadáver de Moisés, igualmente ninguém viu ou tocou o corpo ressurreto dele, nem tampouco viu sua sepultura vazia ou seu corpo glorificado subindo ao Céu na companhia de Miguel e seus anjos. Por mais incrível que possa parecer, justamente o (suposto) *primeiro* caso de ressurreição da história — que, segundo os adventistas, serve de protótipo, padrão para a ressurreição futura de todos os crentes — não deixou quaisquer evidências (o túmulo vazio e o corpo ressurreto de Moisés) para que os homens pudessem comprová-lo, testemunhá-lo. A completa ausência de provas, portanto, só pode ser usada como prova de que Moisés jamais ressuscitou, e não o contrário, pois isso seria, no mínimo, um evidente contrassenso e uma inaceitável inversão do ônus probatório.

Outro obstáculo à teoria de EGW acerca da ressurreição de Moisés é o fato de as Escrituras afirmarem, unicamente em relação ao Messias, que Ele seria o *primeiro* (cronologicamente falando) a vencer, de uma vez por todas, a morte, recebendo um corpo glorificado e imortal (pgs. 54-59). Porém, mesmo que as

www.imortalidadedaalma.com

expressões “*primeiro* dentre os mortos”, “*primícias* dos que dormem” e “*princípio e primogênito* dentre os mortos” sejam aplicadas *unicamente* à ressurreição de Jesus, isso, de acordo com a interpretação de EGW, não o tornou o primeiro, em ordem, a ter passado por uma ressurreição no sentido pleno do termo, mas o segundo. Por mais que os defensores dos ensinamentos de EGW digam o contrário, a verdade é que, em primeira e última instância, Moisés, no que se refere à vitória sobre a morte, teria primazia sobre Jesus, o que é intolerável.

Também apontamos o descabimento de EGW em acrescentar à falsa teoria da ressurreição de Moisés o detalhe de que o corpo dele não teria visto a corrupção (pgs. 60-66). Diversamente dessa alegação, a Bíblia afirma que *somente* o corpo de Cristo não experimentaria tal processo, e que o corpo de Moisés teve o mesmo destino que o de qualquer ser humano: a sepultura, para nesse local decompor-se integralmente. Além disso, Deus, ao antecipar a Moisés (e aos israelitas) a sua morte que brevemente ocorreria, não lhe deu esperança alguma de que seu corpo permaneceria na sepultura por apenas “um breve tempo”, pois seria ressuscitado. A ocultação de sua sepultura já pressupunha, necessariamente, que seu corpo ficaria dentro dela por muito tempo, aguardando o glorioso dia em que Aquele que verdadeiramente venceu a morte retornasse para ressuscitar os corpos de Seus fiéis.

Avançando para o final, argumentamos que, caso Moisés tivesse mesmo ressuscitado e ascendido às alturas, então o período de luto de trinta dias que os israelitas fizeram foi completamente sem sentido (pgs. 67, 68). Por que chorariam por alguém que sabiam que havia prevalecido sobre a morte e encontrava-se no Céu, em bem-aventurança? Evidentemente, a ideia da ressurreição de Moisés era completamente estranha e desconhecida aos israelitas, razão pela qual aquele período de lamentação só serviu para confirmar que Moisés estava, definitivamente, morto, como o Senhor anunciou a Josué (Js 1.2).

www.imortalidadedaalma.com

Finalmente, analisamos a declaração de Deuteronômio 34.6 a qual parece ensinar, numa primeira leitura, que o Senhor (e não Miguel) é quem teria sepultado, pessoalmente, o “corpo de Moisés” (pgs. 69, 70). Vimos que tal conclusão falha por partir do princípio de que Deuteronômio 34.5, 6 não tem relação alguma com Judas 9. Seu equívoco reside, também, no fato de que esse texto apenas demonstra a vontade de Deus em sepultar o “corpo de Moisés”, ao passo que Judas 9 mostra o arcanjo Miguel *realizando*, na prática, essa vontade. O Senhor mandou Miguel fazer aquele sepultamento.

Por ter abordado o texto de Judas 9 com a intenção errada, EGW acabou demonstrando falta de bom senso ao ter concluído que aquela contenda teria ocorrido porque Miguel desejava desenterrar o “corpo de Moisés” da sepultura por meio da ressurreição. Partindo de sua concepção antropológica essencialmente materialista, segundo a qual o homem é um corpo (= alma), de modo que tudo aquilo que se relaciona à cognição e à consciência restringir-se-ia unicamente às funções do cérebro, as quais cessariam, por completo, com a morte dele, EGW apenas usou o texto de Judas 9 para tentar explicar a aparição do falecido Moisés no incidente da transfiguração.³⁴ E, ao tratar conforme essa visão materialista as

³⁴ Embora a IASD e a organização das Testemunhas de Jeová invariavelmente acusem (equivocadamente) os cristãos de crerem numa doutrina pagã, a imortalidade da alma, a verdade é que a ideia de que o homem não possui uma alma imortal em sua composição, que prossegue vivendo conscientemente após a dissolução do corpo material, possui suas raízes fincadas e irrigadas no incrível solo das teorias materialistas que já eram conhecidas e ensinadas na Grécia desde o quinto século antes de Cristo. Os chamados “filósofos atomistas” (ou “naturalistas”), tais como os gregos Leucipo (meados do séc. V a.C.), Demócrito (c. 460-370 a.C.) e Epicuro (341-270 a.C.), bem como o fervoroso discípulo deste último, o romano Lucrécio (99-55 a.C.), ensinavam que o Universo era formado por minúsculos átomos de tamanhos, formas e pesos variados. No caso do corpo humano, quando ele morria, os átomos que o constituíam desagregavam-se completamente, de modo que absolutamente nada sobreviveria à morte. “Com a sua concepção materialista da realidade, Epicuro pretende libertar o homem de dois temores que o impediriam de encontrar a felicidade: o medo dos deuses e o temor da morte. Os deuses existem, afirma Epicuro, mas seriam seres perfeitos que não se misturam às imperfeições e às vicissitudes da vida humana. Os deuses viveriam em perfeita serenidade nos espaços que separam os mundos. Sua perfeição suprema constitui o ideal a

Escrituras, notadamente o relato da transfiguração e Judas 9, ela acabou incorrendo no mesmo erro de alguns falsos mestres “ignorantes e instáveis” dos dias de Pedro que deturpavam alguns pontos “difíceis de entender” dos escritos de Paulo e das

que aspiram os sábios e deve ser objeto de culto desinteressado; não teria sentido adorá-los de maneira servil, temerosa e interesseira, pois eles desconhecem o mundo imperfeito dos homens e de modo algum atuam sobre ele. Quanto à morte, não há também por que temê-la. Ela não seria mais que a dissolução do aglomerado de átomos que constitui o corpo e a alma. A morte, portanto, não existe enquanto o homem vive e este não existe mais quando ela sobrevém”(PESSANHA, José Américo Motta [seleção de textos], SILVA, Agostinho, CISNEIROS, Amador, LEONI, Giulio Davide, BRUNA, Jaime [traduções e notas]. *Os pensadores : Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio*. São Paulo: Nova Cultura, 1988, pg. 8). A seita judaica dos saduceus, assim como os racionalistas do Movimento Iluminista, que surgiu a partir do século XVII, também se apropriaram, cada à sua maneira, desse ponto de vista materialista. Os filósofos atomistas da Antiguidade pretendiam dar uma explicação para o Cosmos diferente da que sempre foi ensinada pela tradição religiosa grega encontrada, sobretudo, em Homero e em Hesíodo, razão pela qual optaram por uma via racionalista-materialista. Segundo eles, o temor da morte e dos castigos que se seguiam a ela, infligidos pelos deuses, impediam os homens de alcançarem a plena felicidade nesta vida. Para livrar-se disso, ensinavam que a morte não era para ser temida, pois ela lançava o indivíduo numa condição de completa e literal inexistência, num nada absoluto, como podemos ver numa das famosas “Máximas de Epicuro” sobre a morte: “A morte não é nada para nós, pois, quando existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos mais”. Como se percebe, esse ponto de vista materialista é idêntico ao que é ensinado pelos adventistas, testemunhas de Jeová e outras pessoas que não integram essas duas seitas. Como sempre, o ser humano tenta se desvencilhar, a qualquer custo, cada um à sua maneira, seja pelas religiões, seja pelo racionalismo, ou seja lá por qualquer outro meio, do mais antigo medo que o persegue, a morte e o juízo divino que se segue: “E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. [...] No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás (Gn 2.16, 17; 3,19)”. Muito provavelmente se referindo a esses versículos, o autor da carta aos Hebreus declarou: “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação” (Hb 9.27). Uma vida centralizada **unicamente** na pessoa de Cristo, que é a fonte de toda e qualquer vida, é a solução, definitiva, não apenas para o medo da morte, a qual alcançará a todos nós, mas, também, para o juízo divino subsequente. Será que estaríamos enganados em afirmar que adventistas e testemunhas de Jeová — os quais não têm sua Teologia e *práxis* centralizadas unicamente na salvação pela graça, a qual é recebida somente pela fé em Cristo — ao defenderem as doutrinas da inconsciência dos mortos e do aniquilacionismo, na realidade estão tentando (assim como fizeram os filósofos atomistas, os saduceus e os racionalistas iluministas), por vias meramente humanas, resolver, e esconder, esse medo primordial que persegue a humanidade desde o dia em que Adão e Eva pecaram contra Deus?

“demais Escrituras” (2Pe 3.16). No caso de EGW, porém, acreditamos que ela ainda fez pior: conseguiu deturpar textos *simples* das Escrituras, como é o caso, por exemplo, do relato da transfiguração de Jesus, no qual o espírito de Moisés apareceu, e Judas 9, que trata do sepultamento do corpo dele. Aproximar-se das Escrituras com uma intenção errada fatalmente deturpará, corromperá não apenas a sã doutrina, mas, também, o bom senso daqueles que assim agem, transformando-os, com o passar do tempo, em “brutos irracionais” (2Pe 2.12; Jd 10), tirando-lhes até mesmo a capacidade natural de discernir e julgar as coisas mais básicas do existir, que dirá da Palavra de Deus e da espiritualidade.

Como herdeiros da “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3), temos o dever de sempre repelir todas as tentativas de quaisquer grupos ou pessoas isoladamente que, por razões diversas e espúrias, tentam deturpar os ensinamentos da Palavra de Deus a fim de sustentar “doutrinas de demônios” (1Tm 4.1), como é o caso, por exemplo, das crenças de que os mortos estão inconscientes ou de que os réprobos (ímpios e demônios) não serão atormentados eternamente, mas aniquilados. Esta última doutrina, por exemplo, que está conectada àquela, anula completamente ensinamentos centrais da fé que recebemos, como a seriedade do pecado, o sacrifício vicário de Cristo pelos homens, e o juízo divino vindouro. De que serve tudo isso, se os réprobos, no final, deixarão, literalmente, de existir?³⁵

³⁵ Quanto maior a ênfase que se dá à visão aniquilacionista, maior é a certeza que se dá aos perdidos de que: (1) o problema do pecado deles (que foi a única razão que fez com que Cristo viesse a este mundo para morrer por todos nós) e (2) o juízo divino futuro não devem ser temidos nem levados a sério, pois, afinal, Deus *já* castigará, eternamente, aqueles que negarem o Seu Filho. Como se percebe, o aniquilacionismo, ao ter sua gênese e essência nas teorias materialistas ensinadas pelos filósofos gregos atomistas, também vende aos perdidos o falso e diabólico “sonho” de que eles podem alcançar, sem Cristo, a tão sonhada felicidade nesta vida, pois, no final, o máximo que lhes acontecerá será a sua literal extinção. Quão diferente foi o ensinamento de nosso Senhor: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; *temei*, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10.28).

Certa vez, Ellen Gould White dirigiu-se ao gabinete de um experiente e idoso juiz de setenta e cinco anos de idade, já em final de carreira, a fim de defender, perante ele, a ressurreição de Moisés num corpo glorificado, bem como a sua ascensão ao Céu. “Sra. White, eu sou juiz, não teólogo, mas conheço um pouquinho da Bíblia, pois quando criança eu frequentava a Escola Bíblica Dominical de minha igreja, não de boa vontade, confesso, mas por pura obrigação. Minha querida e inesquecível mãe, que já se encontra na presença de Cristo há uns trinta anos, levava-me, muitas vezes pelas orelhas, à igreja todos os domingos pela manhã, e lá eu era obrigado a aprender todas aquelas lições da Bíblia, inclusive as que falavam sobre a vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus, o início da Igreja, etc., etc., etc. Para um menino de minha idade, eu achava tudo aquilo um desperdício de tempo, pura bobagem: num domingo daquele, era bem melhor ficar dormindo até tarde, depois jogar bola com os amigos na rua, brincar de pega-pega, enfim. Mas essa molecada é assim mesmo. Bem, eu não me lembro de ter ouvido de alguma professora ou dos pastores que Moisés tenha ressuscitado e, em seguida, subido ao Céu rodeado por anjos. Veja bem, eu não estou dizendo que a Senhora está errada, não me entenda mal. Pode até ser que, no dia em que ensinaram isso, eu não tenha ouvido, pois eu tinha o péssimo hábito de ficar conversando com os outros garotos ou cochilando. Sendo assim, talvez a Senhora tenha razão no que pretende defender, visto que Teologia é a sua área, não a minha. O meu negócio é o Direito. Esta área eu tenho a obrigação de dominar, pois, afinal, já estou nessa profissão há mais de quarenta anos. Com relação a esses negócios de religião, sou um mero leigo, apenas isso. Contudo, como a Senhora veio até aqui, ao Judiciário, para tentar provar esse milagre, então eu sou obrigado a lhe dizer que nós, juízes, antes de emitir nossos julgamentos, precisamos, obrigatoriamente, analisar as **provas** que nos são apresentadas. Esse é um procedimento adotado em qualquer tribunal humano, desde que o mundo é mundo. A Senhora está me entendendo?” “Sim, é

claro!", respondeu EGW. "As provas são para o Direito o que a Bíblia é para os cristãos. Já pensou se fôssemos julgar as pessoas sem provas? Isso seria uma absoluta perversão do Direito, um pecado abominável e inominável não apenas contra Deus, mas contra a raça humana, contra a civilização. A Senhora, por exemplo, gostaria de ser condenada por um juiz sem que ele tivesse prova alguma contra a Senhora?" "Ora, mas é claro que não! Isso seria muita maldade! Misericórdia! Deus me livre! *Támarrado!*" "Fico feliz que a Senhora tenha compreendido. Bem, como grande conhecedora das Escrituras, muito provavelmente a Senhora deve saber que em todos os casos de ressurreições registrados na Bíblia, existiram **testemunhas oculares** desses milagres". "Sim, existiram!", concorda EGW. "Aliás, já que a Senhora está me afirmando que o milagre pelo qual Moisés teria passado foi **idêntico** ao que aconteceu séculos depois com Jesus, pois Moisés teria ressuscitado pouco tempo depois de ter sido sepultado, antes mesmo de ter visto a corrupção, ganhado um corpo glorificado e imortal, em posse do qual teria subido ao Céu, então nada mais natural e óbvio que peguemos o caso da ressurreição e ascensão de **Jesus** como exemplo único e perfeito do quanto as provas, as evidências são fundamentais para comprovar-se um milagre como esse que a Senhora alega ter ocorrido. Conforme os evangelhos, após os discípulos terem visto Jesus morrer na cruz, em seguida eles O colocaram num sepulcro de fácil localização. Três dias depois, algumas mulheres, discípulas, foram ao sepulcro e, ao lá chegarem, viram dois anjos, os quais haviam removido a grande pedra que o encerrava. Os anjos lhes disseram que Jesus havia ressuscitado. As mulheres, então, olharam para dentro do sepulcro e constataram que ele se encontrava vazio. Porém, passados, talvez, alguns segundos ou minutos, eis que o próprio Jesus, ressurreto, glorificado, apresentou-Se a elas! Diante de prova tão incontestável de Sua vitória sobre a morte, elas, maravilhadas, saíram correndo para dar tão gloriosa notícia aos demais discípulos. Estes, não acreditando, rapidamente foram ao sepulcro para verificarem se elas estavam dizendo a verdade,

ou se tinham enlouquecido, ou se apenas estavam espalhando algum falso boato por aí, etc. Afinal, como a Senhora deve saber, Sra. White, as pobres mulheres, como se já não bastasse serem a parte mais frágil e massacrada da sociedade, que sofrem as dores não apenas do parto, mas também as causadas pelos homens que juram amá-las, desde sempre ganharam a fama, sabe-se lá por qual motivo, de serem mentirosas, fofoqueiras, bisbilhoteiras, linguarudas, que às vezes alegam terem visto coisas que nunca viram, recebido mensagens que nunca receberam, e outras coisas malucas de todo tipo. Pela experiência que tenho como juiz que já julgou milhares de casos, acho que tal fama deve ter começado a ser divulgada, irônica e hipocritamente, por algum homem que possuía esses mesmos defeitos que lançava sobre elas. Eu mesmo já perdi a conta de quantas vezes condenei homens por terem feito falsas acusações contra a honra e a dignidade das coitadas! Mas a verdade é que, se existem homens canalhas, igualmente há mulheres que merecem o mesmo rótulo: também já condenei muitas por terem cometido os mesmos crimes contra ambos os sexos!” “Concordo plenamente! Sem dúvida, há homens e mulheres igualmente linguarudos, mentirosos, fofoqueiros, etc., sobretudo no ambiente das igrejas, o qual eu conheço muito, mas muuuito bem. Em *minha* igreja, por exemplo, de vez em quando aparece algum homem ou mulher que, além de cometer tais pecados, ainda diz ter recebido *visões, revelações, sonhos*, etc. Devemos ter muita cautela com tais pessoas, pois via de regra elas prejudicam a obra do Reino de Deus. Isso é tão sério, que em 1João 4:1 é dito que precisamos *julgar* os espíritos, para verificar se eles são de fato provenientes de Deus, ou, então, de origem carnal e/ou diabólica. Assim como no Direito, precisamos julgar tais experiências com base em provas”. “Que bom que nos entendemos! Bem, Sra. White, voltemos, então, ao nosso assunto. Quando os discípulos chegaram ao sepulcro e viram a **prova material**, ou seja, o sepulcro vazio, eles imediatamente ligaram essa evidência à notícia da ressurreição de Jesus que receberam das mulheres. Contudo, de forma alguma o

sepulcro vazio era uma prova irrefutável, cabal da ressurreição de Jesus, pois aqueles soldados que estavam guardando o sepulcro, por exemplo, em conluio com os líderes religiosos, poderiam muito bem, por pura gozação, ou maldade mesmo, retirar o corpo de Jesus de dentro do sepulcro e, em seguida, enterrá-lo noutra lugar, queimá-lo completamente, lançá-lo ao mar, cortá-lo em diversas partes e dá-las às feras do campo, etc. Enfim, eles poderiam sumir com aquele corpo e aí, depois, algum dos apóstolos talvez saísse por aí proclamando, ingênua e equivocadamente, que seu Mestre havia ressuscitado. Talvez algum incauto dentre o povo levasse a sério essa pregação e passasse a acreditar num Cristo supostamente vivo, mas os soldados e seus comparsas religiosos, porém, morreriam de tanto rir ao verem bobos arriscando suas vidas para pregar para outros bobos. Quando eles se cansassem daquela brincadeira, poderiam, assim que quisessem, apresentar o corpo de Jesus, ou o que sobrou dele, ao povo e aí aquela nova religião morreria, instantaneamente, já no seu nascedouro. Sendo assim, se os discípulos tomaram a iniciativa de irem atrás dessa prova material não conclusiva (o sepulcro vazio), depois foi o próprio Jesus, ressurreto, glorificado, **quem tomou a iniciativa de apresentar-Se a eles** a fim de dar-lhes a prova mais irrefutável e insofismável que poderia haver! E não foi só isso: o Cristo glorificado não Se manifestou aos Seus discípulos apenas uma vez e rapidamente, como se fosse um relâmpago. De forma alguma. Se tivesse sido assim, as pessoas poderiam acusar os discípulos de terem tido uma visão, ou visto um fantasma, ou, então, terem tido alguma alucinação, pois, afinal, o que mais existe neste mundo, sobretudo no mundo religioso, são malucos, lunáticos que muitas vezes saem por aí dizendo que têm visões, sonhos e revelações vindos da parte de Deus, etc., não é verdade? Para evitar isso, o Jesus ressurreto manifestou-Se aos Seus por quarenta dias. É tempo demais, não é mesmo? Nesse período, os discípulos puderam vê-Lo, tocá-Lo, falar-Lhe, ouvir Seus ensinamentos, cear com Ele. Em certa ocasião, Sra. White, Ele chegou a aparecer a mais de quinhentos cristãos, ao mesmo

tempo, a Senhora se lembra disso? Quando tiver um tempinho, leia 1Corintios 15.6 e veja se eu não estou lhe dizendo a mais pura verdade. Por derradeiro, os discípulos mais íntimos viram o corpo ressurreto dEle subindo ao Céu. Enfim, de modo a evitar que algum líder religioso maligno acusasse falsamente Seus discípulos de terem furtado o Seu corpo, era fundamental que o Cristo ressurreto Se manifestasse dessa maneira aos Seus seguidores, e assim Ele, em Sua sabedoria infinita, o fez. Dessa maneira, mesmo que os donos da religião divulgassem aquela falsa notícia do furto, como de fato o fizeram, o que importava era que centenas de discípulos tinham testemunhado (com os olhos naturais, com as mãos e com os ouvidos, e não por meio de alguma visão, sonho ou revelação, tampouco por meio de alguma notícia trazida por algum anjo) a ressurreição e ascensão do Bom Pastor que havia dado Sua vida pelas Suas ovelhinhas, e isso era mais que suficiente não apenas para que eles proclamassem o evangelho, mas, também, morressem, rindo, por Aquele que por eles havia morrido. Enfim, Sra. White, essas são as provas, as evidências de que Jesus de fato ressuscitou e subiu ao Céu. Portanto, **se Moisés passou por experiência idêntica**, como a Senhora está me afirmando, então quais são as provas de tão maravilhoso milagre? Apresente-as, por gentileza. **Quem viu Moisés morrer?** “Ninguém!”, responde EGW. “Ninguém?” “Sim, absolutamente nenhum ser humano viu-o morrer. Moisés morreu, sozinho, no cume de um monte bem alto. Somente Deus e os anjos testemunharam a morte dele.” “Humm, então isso quer dizer que foi Deus quem deu aos israelitas a notícia da morte dele?” “Sim!” “Ok. Próxima pergunta: **Quem sepultou o corpo de Moisés?** Teria sido Josué, Calebe, ou algum outro israelita?” “Não, foram os anjos que o sepultaram!”, responde EGW. “Os anjos?” “Sim, os anjos!” “Ora, então isso quer dizer que Deus, após ter testemunhado a morte de Moisés, ainda fez, por meio dos anjos, o sepultamento dele? Acaso Deus, agora, entrou para o ramo das funerárias? Quando eu morrer, e isso talvez não demore muito, quero ser enterrado pelos coveiros dessa funerária,

pois além de realizarem um serviço perfeito e lindo, não devem cobrar nada por tudo isso! Há, há, há, há, há, há, há, há, há! Desculpe, Sra. White, foi só uma brincadeira, me perdoe. Embora a maioria dos juízes ostente um aspecto sisudo, eu, com o passar dos muitos anos, descobri a importância do bom-humor para a vida, ainda mais aqui na minha profissão, em que lido, diariamente, apenas com problemas e desgraças dos outros. Continuemos. **Onde se localiza, exatamente, a sepultura de Moisés?** “Absolutamente ninguém sabe, pois Deus a escondeu!” “Ninguém sabe?” “Sim!” “Ok, ok. Então, a sepultura vazia, que é a prova material, não pode ser apresentada. Então eu só posso deduzir que **ninguém viu a sepultura vazia de Moisés, é isso?**” “Sim, é isso mesmo. Porém, mesmo assim eu estou plenamente convicta de que ela está vazia!” Já começando a demonstrar sinais de nervosismo, o magistrado, já vermelho e olhando para os lados, prossegue, coçando a barba e cabeça brancas: “Ora, ora, então ninguém viu a sepultura vazia? Hummm... Bem, essa prova material, como eu já havia dito anteriormente, não é conclusiva, irrefutável, então podemos descartá-la completamente. Afinal, uma sepultura vazia apenas comprova que o corpo de fulano não está lá dentro, e não que o corpo de fulano tenha ressuscitado. Sendo assim, então vamos, agora, à prova, à evidência mais importante e irrefutável que existe para comprovar-se esse tipo de milagre: Dentre aqueles milhões de israelitas que conviveram com Moisés, **ao menos um dentre eles viu o Moisés ressurreto, tocou-o, ou, então, conversou com ele?**” “Absolutamente ninguém teve esse privilégio”. “Ninguém?” “Ninguém”. Prossegue o juiz: “Dentre aquela multidão de israelitas que pranteou por Moisés durante aqueles trinta dias, acaso um, apenas um, nada mais, chegou a olhar para o céu e, assim, **viu Moisés subindo ao Céu?**” “Ninguém testemunhou isso”. “Ninguém?” “Provavelmente todos os israelitas estavam com o rosto em terra, chorando, ou, então, as muitas lágrimas os impediram de contemplar tal acontecimento. Contudo, eu mesmo assim tenho certeza de que o corpo de Moisés subiu ao Céu do jeitinho

que lhe contei!” Já cansado e nervoso, então o idoso juiz levanta-se da cadeira num salto, apoia as duas mãos sobre a mesa, e diz: “Ora, minha Senhora, faça-me o favor! Pelo amor de Deus! Então qual prova tens para me apresentar? A Senhora mesma me disse, quase agora, que o milagre pelo qual Moisés teria passado foi **idêntico** ao de Jesus, não foi?” “Sim, isso mesmo”, responde EGW. “Sendo assim, eu esperava que a Senhora me apresentasse, obviamente, as **mesmíssimas provas** que lhe apresentei, as quais comprovaram que Jesus ressuscitou. Porém, a Senhora, estranhamente, não possui nenhuma delas, antes, apenas me disse que ninguém viu Moisés morrer; que ninguém sepultou ou viu o corpo de Moisés ser sepultado, pois foram os anjos que fizeram tal serviço, secretamente; que ninguém viu a sepultura vazia dele, pois sua localização é completamente ignorada, desconhecida; que ninguém viu ou manteve qualquer tipo de contato com o Moisés ressurreto; e, finalmente, que ninguém viu o corpo glorificado dele ascendendo ao Céu. Ora, Sra. White, então como é que a Senhora pretende provar que Moisés ressuscitou e ascendeu ao Céu do mesmo modo que Cristo? Acaso haveria **outra** evidência para se comprovar semelhante milagre? Se existir, então, por gentileza, apresente-a, agora mesmo, pois eu, sinceramente, desconheço”. “Bem, em Judas 9 está escrito que o arcanjo Miguel e o diabo contenderam pelo corpo de Moisés, até que o Senhor teve que entrar na contenda para resolvê-la. Esta é, pois, a prova que lhe apresento para defender a ressurreição e ascensão de Moisés ao Céu”. Calmamente, o juiz se senta novamente, olha nos olhos de EGW, e lhe diz, calmamente, com a experiência de um magistrado que já viu quase de tudo nesta vida: “Ora, e é com base nisso que a Senhora quer me convencer de que Moisés ressuscitou e subiu ao Céu tal qual Jesus? Essa contenda entre esses dois seres espirituais invisíveis, a qual nenhum ser humano viu nem poderia ver, não serve como prova testemunhal. O testemunho dos anjos, ou de qualquer tipo de espírito que se manifeste nessas sessões espíritas ou sei lá mais onde, ou de alguém que alegue ter tido alguma visão extática, sonho ou

revelação, não é válido nos tribunais humanos, ainda mais para comprovar-se um milagre de ressurreição como esse do qual estamos tratando. Se esse tipo de testemunho fosse válido, então Jesus não precisaria ter aparecido àquelas mulheres que foram ao sepulcro no domingo da ressurreição, nem aos demais discípulos. Se ao menos esse texto de Judas 9 afirmasse, por exemplo, que *Josué* tinha presenciado tal disputa, sendo que ao final dela ele tenha visto Miguel retirar o corpo de Moisés da sepultura, por meio da ressurreição, e, em seguida, levá-lo ao Céu, aí então o testemunho de Josué talvez pudesse ser levado em consideração. Porém, o texto mencionado pela Senhora não diz isso. Aliás, Sra. White, durante essa minha longa carreira, já julguei diversas ações envolvendo pessoas que disputavam o destino a ser dado aos mais variados cadáveres. A última delas, que até ganhou os noticiários, foi há uns três meses. Algumas pessoas passaram a disputar o destino que seria dado ao corpo de uma recém-falecida líder de uma religião africana: uma parte queria sepultá-la num lugar, mas a outra queria sepultá-la noutra, seguindo alguns rituais religiosos. Como não houve acordo entre as partes, a disputa veio parar, como sempre, aqui, no Judiciário, e aí eu tive que solucionar a controvérsia e liberar o corpo da pobre mulher para ser, finalmente, sepultado. Essa contenda entre Miguel e o diabo, em torno do destino do corpo de Moisés, certamente teve o mesmo objetivo: sepultar o corpo dele. Essa não é uma conclusão sensata, razoável, baseada no senso comum? Afinal, está escrito, lá no livro do Gênesis, que o nosso corpo, após a morte, volta ao pó, do qual foi formado. Logo, eu só posso concluir que Miguel e o diabo estavam discutindo acerca de alguma coisa relativa ao sepultamento do corpo de Moisés, pois esse é o destino de todos os cadáveres humanos; e, como não houve um acordo entre eles, aí então foi necessária a entrada de um Juiz para solucionar a questão. Se aquela contenda tivesse sido para ressuscitá-lo, ainda mais de **maneira idêntica à ressurreição de Jesus**, então esperaríamos que houvesse provas como as que pedi que a Senhora me apresentasse. Portanto, como a Senhora só possui essa

contenda entre dois seres espirituais como, 'prova', então a nossa conversa está encerrada. Tenho coisas mais sérias para tratar. Adeus". Quando EGW já estava abrindo a porta para sair do gabinete do magistrado, este, levantando uma das mãos em sua direção, ainda lhe dirige as últimas palavras: "Ah, Sra. White, só mais um detalhe que me deixou com uma dúvida". "Sim, em que posso lhe ajudar?" "Como eu lhe disse, eu não sou teólogo, mas juiz. O meu negócio é mexer com leis, condenar ou absolver pessoas, mandar prender umas, soltar outras, resolver controvérsias cíveis, criminais, etc., tudo mediante a análise criteriosa de provas. Porém, nessas questões de Bíblia e religião, eu me considero um leigo, como eu já havia lhe declarado no início de nossa conversa. O meu ambiente é o dos tribunais, dos fóruns, e não o das igrejas, se bem que eu frequento, assiduamente, aquela igreja de que lhe falei antes, para a qual minha saudosa mãe me levava todos os domingos pela manhã, na marra, quando eu ainda era pequeno. Com o passar dos anos, aquelas palavras que eu sempre desprezei, reputando-as pura bobagem, pouco a pouco foram esfacelando o meu coração de pedra, de modo que quanto mais eu lutava contra elas, mais eu me aproximava de Cristo. E já adulto, formado, com família constituída, há cerca de trinta anos não tive outra alternativa senão me render ao Amigo de Pecadores. E assim que nEle cri, com todo o meu ser, o meu coração de pedra foi imediatamente substituído por um de carne. Finalmente consegui perceber que eu, que sempre julguei e condenei as pessoas a vida inteira, diante de Deus não passava de um transgressor amaldiçoado e escravizado à carne, cuja condenação não apenas era certa, mas também plenamente merecida. Porém, ao olhar para Aquele que, à semelhança da serpente no deserto, foi levantado, eu fui plenamente justificado, absolvido perante o Grande e Verdadeiro Juiz de toda a terra, sem as obras da Lei de Moisés ou de qualquer outra lei humana, sem méritos próprios, etc. Lembra-se dos ninivitas, Sra. White?" "Sim, me lembro". "Bem, a dúvida que tenho é a seguinte: Se as **circunstâncias** da morte, do sepultamento, da ressurreição e da

ascensão de **JESUS** tivessem sido **idênticas** às de Moisés — ou seja, se **JESUS** tivesse morrido, sozinho, no cume de um alto monte, sem que nenhum ser humano tivesse presenciado, mas apenas Deus; se os anjos tivessem realizado o sepultamento do corpo dEle num local completamente desconhecido dos homens; e se absolutamente ninguém tivesse tido qualquer tipo de contato com o Jesus ressurreto, nem tê-lo visto ascendendo ao Céu — a Senhora, assim mesmo, ainda acreditaria que **JESUS** havia, de fato, ressuscitado dentre os mortos e ascendido ao Céu?” Em completo silêncio, ela abaixa a cabeça, vira-se, fecha a porta cuidadosamente, deixa o juiz falando com as paredes, e vai embora lentamente, sem compreender nada, nem mesmo a pergunta dele acerca dos pagãos e perversos ninivitas, os quais foram salvos após terem “apenas” se arrependido de seus pecados e crido em Deus... “Ora, o que o assunto da ressurreição e ascensão de Moisés tem a ver com a salvação dos ninivitas? Esse juiz está comparando laranjas com alhos! Coitado, deve ser a idade. Só faltava ele ter dito que os ninivitas foram salvos sem precisarem ter guardado os Mandamentos, tais como o sábado, as leis dietéticas, a circuncisão, etc. Em vez de ser aposentado, esse juiz precisa, isso sim, ser urgentemente interditado, pois ele já não responde mais pelos seus atos e palavras!”